



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE PSICOLOGIA

A FUNÇÃO DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DA PULSÃO E DA PSIQUE

Renato Bastos João

Brasília, Dezembro de 2010.

RENATO BASTOS JOÃO

**A FUNÇÃO DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DA PULSÃO E
DA PSIQUE**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, orientada pela professora Dr^a. Marcella Marjory Massolini Laureano.

Brasília, Dezembro de 2010.



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Prof^ª. Dr^ª. Marcella Marjory Massolini Laureano
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Mendes Feres
Examinadora

Prof^º. Dr^º. Marcos Abel Chedid
Examinador

A Menção Final obtida foi: SS

Brasília, Dezembro de 2010.

Dedico este trabalho ao(s) Outro(s)
por reconhecer sua presença
fundamental em minha vida e pela
minha intenção de reconhecer o Outro
como legítimo Outro na convivência.

AGRADECIMENTOS

À minha linda esposa Henryette Cruz, à minha filha Hanna Clara e ao meu filho Rafael João pela paciência ao longo destes seis anos de curso, pois foram muitos finais de semana e feriados sacrificados para a realização dos trabalhos acadêmicos.

Aos meus pais pelo alicerce amoroso e cultural fundamental para a minha vida na escola e para a minha trajetória acadêmica.

À minha orientadora professora Marcella Laureano pela paciência, confiança e pela liberdade na busca teórica.

Ao corpo docente de Psicologia do UniCEUB, em especial, as professoras Cláudia Feres e Tânia Inessa Resende e ao professor Rogério Lopes por me propiciarem uma formação sensível, sólida, crítica e reflexiva.

Aos amigos e amigas que me acompanharam ao longo de todo o curso, em especial aos companheiros Ernani e Paulo pelas discussões teóricas e, principalmente, pela convivência afetiva.

À minha amiga querida Tarcila pelos auxílios indispensáveis à realização desta monografia.e

Ao UniCEUB, pela oportunidade de realizar o curso de Psicologia mediante bolsa integral de estudo, a qual foi determinante para a minha escolha em ingressar neste curso.

*o outro me faz
o outro me fez
e o primeiro olhar de minha mãe
(esse mesmo que eu nunca lembro como foi)
é a matriz e a lembrança imorredoura de todos os outros gestos,
depois, ou mesmo antes dele: quando? como?
tudo, todos os instantes que pela vida afora foram me fazendo
ser essa pessoa de quem sou, foram trocas.
foram gestos e olhares,
acenos, acento da voz, palavras ditas e ouvidas, silêncio.*

*os longos, os fecundos silêncios
em que as almas se comunicam sem saber
foram os afetos e os interesses do outro em mim, de mim nele,
a pressa e a demora, a espera e o desespero... a troca.
e ao longo dos tempos, ao longo das trocas,
eu fui me fazendo nos meus outros, nos outros que me fazem
todo-o-dia.*

Carlos Rodrigues Brandão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – AS CONCEPÇÕES DE PULSÃO E PSIQUE NA PSICANÁLISE FREUDIANA.....	13
1.1 A tradução e os significados da palavra <i>Trieb</i> (pulsão) na obra de Freud	13
1.2 O conceito de Pulsão.....	18
1.3 Pulsão: substrato do psiquismo	22
1.4 As especificidades dos conceitos de pulsão e instinto.....	25
CAPÍTULO II – A CONSTITUIÇÃO DA PULSÃO E DA PSIQUE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA	34
2.1 Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada	34
2.2. A origem da pulsão no objeto-fonte: a concepção de pulsão fundamentada na teoria da sedução generalizada.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de evidenciar a função do outro na constituição da pulsão e da psique, tendo como fundamentação a teoria da sedução generalizada proposta por Jean Laplanche (1988; 1992). Para tanto realizamos um percurso nas concepções de pulsão e psique nos textos freudianos e de seus comentadores, sem deixar de tratar da polêmica discussão acerca da tradução da palavra alemã *Trieb* e dos seus significados atribuídos por Freud em sua obra. Em seguida foi abordada a complexa relação entre instinto e pulsão, a partir da noção de apoio, de modo a abrir caminho para a compreensão da participação da incidência do outro na passagem do instinto para a pulsão. Na continuidade desta trajetória, seguindo o texto laplanchiano, explicitamos os fundamentos da teoria da sedução generalizada, tomando como referência as reformulações da teoria da sedução de Freud, para posteriormente explicitar a concepção de pulsão e psique fundamentadas na noção de objeto-fonte, que se constitui a partir da sedução originária e do recalçamento originário. Por fim, destacamos a divergência entre as idéias de Freud e Laplanche acerca da origem da pulsão e da psique, explicitando que para o primeiro este processo se dá de forma endógena, numa perspectiva biologizante, enquanto que para o segundo é pela intromissão do outro, adulto, na cena da sedução originária.

Palavras-chave: Sedução originária. Instinto. Pulsão. Psique.

INTRODUÇÃO

Este ensaio se propõe, “curiosamente”, a adentrar as discussões acerca do conceito de pulsão e psiquismo no campo de conhecimento da psicanálise.

A utilização do termo “curiosamente” se deve a duas razões. Primeiro, pelo caráter inicial das elaborações teóricas aqui expostas, haja vista que o contexto no qual o presente trabalho foi produzido é o de graduação em Psicologia, cujo propósito é o de verificar as competências do graduando no que diz respeito à delimitação de um tema e um objeto de estudo, apresentação dos conceitos relacionados ao objeto de estudo de maneira articulada, concisa e coerente, respeitando os princípios gerais da metodologia de pesquisa do campo de conhecimento no qual se encontra, neste caso, a psicanálise.

A segunda razão se deve ao próprio tema escolhido para este ensaio: a constituição da pulsão e do psiquismo. Se quisermos situá-lo para além das fronteiras da psicanálise, o tema nos remete às discussões sobre a origem do mental, ou melhor, como consideravam os gregos, sobre a origem da *psiquê*, da alma. Estas discussões, no seu âmbito mais geral, se inserem no campo da filosofia da mente, disciplina da Filosofia delimitada há não muito tempo (TEIXEIRA, 2000).

Ao entrarmos neste campo da filosofia, podemos verificar a complexidade das discussões, pois o que se interroga é a origem de uma dimensão humana que até o presente momento não foi explicada por nenhuma teoria, ou revelados os seus mecanismos de maneira precisa e verificável, seja pelos métodos filosóficos ou científicos. A dimensão que aqui nos referimos é a mental ou a psíquica do ser humano, aquela que necessariamente tem, em sua origem, uma relação com os processos somáticos, mas ao mesmo tempo não é redutível ao somático, como nos indicam as teorias da mente que explicam sua origem a partir do princípio da emergência (TEIXEIRA, 2000). Este princípio aponta para a necessidade de uma articulação de fatores biológicos e culturais para que se possa alcançar uma compreensão acerca da origem do psíquico.

No campo de conhecimento da psicanálise, o tema não perde sua complexidade e traz consigo discussões que também estão presentes na filosofia da mente. Conforme apresentaremos ao longo deste trabalho, há diferentes vertentes de interpretação do texto freudiano quanto à questão da origem da pulsão e do psíquico, a começar pelo significado que a palavra *Trieb* guarda no alemão e sua tradução para o português.

Assim, este trabalho propõe um objeto de estudo que está relacionado tanto ao campo de conhecimento da filosofia da mente quanto ao campo de conhecimento da psicanálise.

Para situarmos os conceitos de pulsão e psiquismo no campo de conhecimento da psicanálise, devemos destacar que estes foram explicitados nos escritos metapsicológicos de Freud (GARCIA-ROZA, 2002) e, posteriormente, trabalhados por seus seguidores. Destacamos, entre estes, Jean Laplanche, cujo pensamento será importante na fundamentação teórica da linha argumentativa que apresentaremos.

O termo metapsicologia foi cunhado por Freud para “qualificar o conjunto de sua concepção teórica e distingui-la da psicologia clássica. A abordagem metapsicológica consiste na elaboração de modelos teóricos que não estão diretamente ligados a uma experiência prática ou a uma observação clínica (...)” (ROUDINESCO E PLON, 1998, p. 511).

Em um dos seus artigos metapsicológicos, “O inconsciente”, Freud (1996b, p.186) expõe uma definição mais precisa do termo metapsicologia: “proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica”.

Para Freud (1996c), como podemos compreender em seu texto “Sobre a psicologia da vida cotidiana”, a metapsicologia se caracterizava como uma tentativa científica de restaurar as construções “metafísicas” presentes nas visões mitológicas que apresentam explicações sobre o pecado original, Deus, o bem, o mal, a imortalidade, entre outros, de modo a elucidá-las a partir de uma psicologia do inconsciente, considerada como ciência, transformando assim a metafísica em psicologia. Neste sentido, consideramos que as noções de pulsão e de psiquismo traduzem o esforço da psicanálise em formular explicações sobre a alma para além das versões metafísicas, situando-a na esfera metapsicológica.

Circunscrevendo as noções de pulsão e psiquismo nas discussões metapsicológicas, Celes (2004) esclarece que o psíquico e a pulsão só podem ser entendidos pela compreensão que se tem deles, isto é, pela teoria que os definem, por sua tematização, não sendo um dado ou um fato. O mesmo autor ainda explica que “a questão lançada sobre o psíquico [e também sobre a pulsão], com respeito a seu conhecimento, não recai sobre a

materialidade ou imaterialidade desse objeto, mas sobre o fato de ser uma construção, o que quer dizer, portanto, uma “entidade” do conhecimento propriamente” (p. 42).

Ainda no âmbito metapsicológico, cabe destacar uma importante colocação de Laplanche (1988) acerca das reformulações ou reenquadramentos conceituais na psicanálise. Ao iniciar a discussão sobre a noção de pulsão, o autor esclarece que não podemos considerar a psicanálise como uma freudologia, pois o freudismo, tanto o de Freud quanto o de após Freud, é uma experiência adquirida, no sentido de ser ao mesmo tempo uma experiência prática e uma experiência teórica, ou seja, a teoria freudiana é uma experiência. Por isso, podemos dizer que há uma experiência viva dos conceitos, das suas origens, da sua derivação, do seu engano ou desvio, pois a evolução da experiência teórica é indissociável da evolução do ser humano (aquele que constrói a teoria), evolução esta marcada pelos erros, cometidos por este mesmo ser humano, que acompanham suas teorias, mas que devem ser situados e ultrapassados.

Mantendo a discussão no campo da metapsicologia, colocamos em questão a influência que a matriz do pensamento positivista teria sobre a elaboração do conceito de pulsão freudiano, uma vez ser esta a matriz de *status* científico, tanto à época de Freud quanto nos dias atuais, ainda que reformulada em outras perspectivas da filosofia da ciência como o racionalismo crítico de Popper, entre outros. Segundo Laplanche (1985; 1988; 1993; 2001), o conceito freudiano de pulsão, ao seguir o pensamento científico vigente, teria se inserido em uma perspectiva biologizante, enfraquecendo a função e implicação do outro na constituição da pulsão e do psiquismo. A origem da pulsão seria, para Freud, endógena. Nas suas elaborações sobre o narcisismo de 1914, Freud evidencia o papel do outro, mas quanto à constituição do Eu, e não quanto à origem da pulsão e do psiquismo.

Resgatando e reformulando a teoria da sedução presente na primeira parte da obra de Freud (1996e), Laplanche (1988; 1992) restitui a importância do outro na constituição da pulsão e da psique, apontando para uma perspectiva não biologizante. O autor contribui para uma concepção de psiquismo que se situa entre a biologia e a cultura, como podemos encontrar ao longo da obra do próprio Freud, conforme nos esclarece Hanns (1999, p. 42).

A partir do exposto, o presente ensaio tem como objetivo evidenciar a função do investimento libidinal do outro na constituição da pulsão e da psique. O caminho que

percorremos para alcançar o nosso objetivo nos conduziu a organizar o presente ensaio em dois capítulos e as considerações finais.

No primeiro capítulo, “As concepções de pulsão e psique na psicanálise freudiana”, discorreremos sobre as traduções e os significados da palavra *Trieb* (pulsão) na obra de Freud para, em seguida, apresentar o conceito de pulsão, relacionando-o à noção de psiquismo. Finalizaremos o capítulo com a distinção conceitual entre instinto e pulsão, em coerência com a perspectiva teórica adotada no capítulo dois.

No segundo capítulo, “A constituição da pulsão e da psique a partir da perspectiva da teoria da sedução generalizada”, apresentaremos as reformulações propostas por Laplanche (1988; 1992) para o que ele chama de “teoria da sedução restrita” de Freud, nas quais ele propõe uma noção de pulsão e psique que reconheça a função do outro em sua constituição, em contraposição ao que ele considera ser o desvio biologizante de Freud.

CAPÍTULO I – AS CONCEPÇÕES DE PULSÃO E PSIQUE NA PSICANÁLISE FREUDIANA

Neste primeiro capítulo, procuraremos abarcar ou pelo menos aproximar o leitor da complexidade do conceito de pulsão e de psique na psicanálise. Com esta intenção, o texto conduzirá o leitor, em um primeiro momento, a compreender os diversos significados atribuídos à palavra pulsão (*Trieb*), para em seguida adentrarmos propriamente ao conceito de pulsão e, conseqüentemente, a sua vinculação com o psiquismo. Por fim, destacaremos a complexa relação entre instinto e pulsão, em virtude da necessidade de evidenciarmos a função do outro na constituição desta mesma pulsão e também do psiquismo, já que suas constituições se dão a partir da presença do outro “entre” o instinto e a pulsão.

1.1 A tradução e os significados da palavra *Trieb* (pulsão) na obra de Freud

Conforme esclarece Hanns (1999, p.29), a palavra *Trieb* presente na obra de Freud, é traduzida para o português, por analistas e tradutores, em duas perspectivas diferentes. Uma defende a tradução por “instinto”, estando fundamentada na tradução inglesa da obra no alemão (*Gesammelte Werke*), a qual emprega a palavra *instinct*. A segunda opta pela palavra “pulsão”, em função das traduções francesas que utilizam *pulsion*. Todavia, como esclarece este mesmo autor, nenhuma das duas palavras abarca o amplo significado que a palavra *Trieb* guarda no texto de Freud. Este se utilizou dos vários sentidos encontrados na língua alemã para inseri-la no arcabouço psicanalítico.

Os vários sentidos de *Trieb* na obra freudiana correspondem cada um deles, a um momento e uma forma de circulação da *Trieb* em um determinado patamar: na natureza em geral, na biologia das espécies, no indivíduo da espécie (fenômeno somático-energético) e no indivíduo da Cultura (fenômeno psíquico). Desta forma, a utilização da palavra *Trieb* nos diversos processos psíquicos ocorre na forma de precipitações que começam a partir de um arco de significados e vai se especificando conforme cada instância de circulação em que está presente. Podemos compreender que as transformações da *Trieb* são trocas de roupagem ou revestimentos que ocorrem conforme o patamar em que se manifesta, seguindo a lei de funcionamento de cada um destes patamares (Hanns, 1999, p. 207).

Neste sentido, como afirma Hanns (1999, p.207), em função desta forma de apropriação da palavra *Trieb* no texto freudiano, não encontramos nem em “pulsão” e nem

em “instinto” a gama de sentidos presente em *Trieb* que possibilitasse abarcar todos eles em apenas uma destas duas palavras, e ainda de forma a permitir a conexão desta mesma palavra com outros termos no texto original.

Com relação aos aspectos teórico-psicanalíticos envolvidos nesta discussão acerca da tradução da palavra *Trieb*, podemos compreender, pelas explicações de Hanns (1999, p. 208), que a opção por “instinto”, advinda da tradução inglesa, se deu pela influência de uma concepção médica e biológica presente, daquela época, no comitê de tradução da obra. Todavia, longe de cometer o equívoco de afirmar que houve uma redução biológica do conceito de *Trieb*, seria mais correto afirmar que no contexto clínico o uso do conceito foi feito de maneira a segmentar o arco pulsional, se desligando, parcialmente, do significado original de *Trieb*, isto é, um significado mais amplo que, para sua compreensão, não permite sua segmentação ou fragmentação.

Segundo Hanns (1999, p. 208), a opção pela tradução de *Trieb* em “pulsão” teve origem nas escolas francesas, influenciada por Lacan na sua releitura dos originais de Freud e à crítica de certas propostas de tradução. Esta tradução possibilitou recuperar as conotações e a plasticidade de *Trieb*, destacando ainda o perigo de traduzir a palavra como sinônimo de “instinto”. Também permitiu que fosse ressaltada a importância da pulsão sexual e do desejo em Freud, o que contribuiu para o destaque destas noções na clínica.

Contudo, esta opção levou ao entendimento de que Freud teria diferenciado *Instinkt* de *Trieb*, o que não ocorre em sua obra, pois não seria necessário na língua alemã. No entendimento do mesmo autor citado acima, Freud não contrapôs estes conceitos e usava predominantemente *Trieb*, referindo-se tanto aos animais não humanos quanto aos animais humanos. E ainda destaca que, “apesar de a crítica lacaniana à tradução por “instinto” ter recuperado aspectos essenciais do *Trieb* freudiano, também no campo lacaniano (...) não há um emprego pleno da palavra “pulsão” em todas as acepções originais de Freud” (Hanns, 1999, p. 208).

Ao mesmo tempo, encontramos ainda neste mesmo autor a afirmação de que podemos identificar alguma diferença entre os dois termos (*Trieb* e *Instinkt*) no que concerne à conotação e a amplitude de significação, apesar de não se tratar de uma

“diferença entre aquilo que é biológico-animal e o que é humano. Em geral, o *trieb* abarca todo o arco que se inicia na origem como Força Impelente dos Seres Vivos e desemboca como Impulso ou Tendência do Indivíduo, enquanto *Instinkt* se refere

primordialmente à manifestação dessa Força na *espécie* como Tendência de Comportamento Dirigido a Atividades e Objetos determinados.”

Passando às reflexões acerca da tradução de *Trieb* proferidas por Gomes (2001), podemos compreender que seria aceitável a utilização, no português, da palavra “impulso”, pois a correspondência semântica entre estas palavras é bastante grande, além do que “impulso” serviria para a tradução de todas as acepções de *Trieb*, analisadas por este mesmo autor. Entretanto, a palavra “impulso” traz algumas desvantagens: por um lado não traz a conotação freudiana de estar relacionada a uma fonte somática, e na sua forma adjetiva traz o sentido de algo irrefletido e que conduz a uma reação imediata, o que não corresponde a todos os derivados da palavra pulsão (*Trieb*) em Freud.

Por esta última colocação exposta, Gomes (2001, p. 251) também afirma que é “mais conveniente o emprego do neologismo “pulsão””, o qual tem a vantagem de poder se revestir melhor das conotações específicas do termo freudiano *Trieb*.

Por sua vez, Garcia-Roza (2002, p.115) defende a tradução de pulsão para *Trieb*, em função da diferenciação que se deve fazer desta última para a palavra *Instinkt*, que guarda outro sentido na obra de Freud. Para este autor, a palavra “instinto”, utilizado na tradução do inglês para o português, traz um significado na língua portuguesa que é mais adequada à tradução da palavra *Instinkt* do alemão presente no texto freudiano.

Esta posição de Garcia-Roza (2002) levanta a discussão sobre os significados atribuídos por Freud às palavras *Trieb* e *Instinkt*. Como pode ser observado acima, na interpretação proposta por Hanns (1999), estas duas palavras não guardam significados distintos no texto freudiano em sua versão original, apesar de haver uma diferença de conotações e amplitude dos termos. Enquanto que para Garcia-Roza (2002), assim como Gomes (2001) e Laplanche (2001), Freud diferenciava os conceitos destas duas palavras no alemão.

Gomes (2001, p.250) afirma que “em relação ao seu próprio conceito de ‘Trieb’, Freud nunca usou a palavra ‘Instinkt’ como alternativa ou sinônimo. Nas ocasiões em que ele usa a palavra ‘Instinkt’, é num sentido que pode ser diferenciado de seus dois conceitos de ‘Trieb’”. O mesmo autor afirma que em todas as ocasiões em que Freud utilizou a palavra “Instinkt”, estava fazendo menção a um conhecimento ou significado inato, estabelecido pela hereditariedade e herdado filogeneticamente, que é oposto a um conhecimento ou significado dado pela experiência individual. Coloca ainda que esta

palavra foi poucas vezes utilizada ao longo da sua obra, mantendo sempre este sentido, mas sem desenvolver teoricamente este conceito.

Ao mesmo tempo, conforme expõe Gomes (2001), apesar de ter usado a palavra “Instinkt” com este sentido, não significa que este seja dominante para a palavra em questão, já que o próprio Freud admitia “instinct, em inglês e francês, no sentido dado por ele a “Trieb”.

Sustentando a mesma proposta de tradução da palavra *Trieb* por “pulsão”, Laplanche (2001) argumenta que é imperativo destacar a diferenciação semântica entre *Trieb* e *Instinkt* na narrativa freudiana. Conforme este autor, Freud nunca os juntou, os opôs e mesmo não os comparou. Mas com relação ao *Instinkt*, foi mais claro, utilizando este termo ao se referir ao instinto dos animais.

Neste sentido, cita de memória duas passagens do texto freudiano: “‘Se existe no homem alguma coisa análoga ao instinto nos animais, seriam as fantasias originárias’ (vê-se bem: ele não teria podido dizer ‘se existe nos animais alguma coisa análoga à pulsão’), ou ainda: ‘no pequeno humano, falta a maior parte dos instintos de sobrevivência próprios ao animal’” (Laplanche, 2001, p. 6)

Ainda buscando fundamentação na obra de Freud, Laplanche aponta duas outras passagens que evidenciam a idéia de instinto (em alemão *Instinkt*) e que fomos buscar nos originais. Na primeira encontramos a seguinte colocação de Freud ao se referir a um pai que leva sua filha para a análise:

Havia algo no homossexualismo da filha que lhe despertavam a mais profunda amargura, e estava determinado a combatê-lo por todos os meios em seu poder. A pouca estima em que a psicanálise geralmente é tida em Viena não impediu que se voltasse a ela em busca de auxílio. Falhasse essa solução, ele ainda tinha de reserva sua mais forte medida defensiva: um casamento rápido deveria despertar os instintos naturais da moça e abafar suas tendências inaturais. (1996d, p. 161)

Nesta passagem, Laplanche (2001) afirma que podemos identificar uma oposição entre instinto e pulsão quando Freud indica os instintos naturais (usando no alemão *Instinkt*) e as tendências (está se referindo *Trieb*) inaturais.

Com relação à segunda passagem no texto freudiano, Laplanche (2001) aponta que podemos identificar uma assimilação da pulsão ao instinto, ou uma mistura pulsão-instinto. É no início dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” que encontramos a referência

mais clara para esta afirmação de Laplanche, o qual a firma que mesmo não sendo pronunciada a palavra “instinto”, ela pode ser inferida a partir do que Freud chama de ‘uma visão popular da sexualidade’. Transcrevemos o trecho abaixo:

A opinião popular faz para si representações bem definidas da natureza e das características dessa pulsão sexual. Ela estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistíveis que um sexo exerce sobre o outro, e seu objetivo seria a união sexual, ou pelo menos os atos que levassem nessa direção. Mas temos plena razão para ver nesses dados uma imagem muito infiel da realidade (...). A teoria popular sobre a pulsão sexual tem seu mais belo equivalente na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades – homem e mulher – que aspiram a unir-se de novo no amor [Freud esta fazendo alusão à teoria exposta por Aristófanes no Banquete de Platão]. (1996e, p. 128-129)

Explicitando sua posição, Laplanche (2001) afirma que sua proposta é que se utilize as duas palavras e as duas noções, pulsão (*Trieb*) e instinto (*Instinkt*), evidenciando sua oposição, apesar das dificuldades de delimitá-la por razões das suas articulações e recobrimentos.

Após a exposição de alguns aspectos relacionados às discussões acerca da tradução da palavra *Trieb*, é necessário explicitar a posição a ser adotada diante desta questão no presente ensaio. A escolha é pela palavra pulsão em virtude dos autores que estão sendo utilizados para esta fundamentação teórica, os quais são influenciados pela terminologia da escola francesa, que por sua vez oportuniza um contexto que permite a diferenciação de instinto, na sua acepção mais comum no português, e pulsão, palavra que permite chamar atenção à singularidade das características da psique humana.

É nesta perspectiva que Laplanche (1988) irá situar a noção de pulsão e psique, exigindo a diferenciação da primeira em relação à noção de instinto, como veremos no último tópico deste capítulo. Está posição de diferenciação entre as duas palavras se justifica pela necessidade de compreender a função do outro na constituição da pulsão e da psique.

Retomando a linha de argumentação do texto neste tópico, passamos a explicitar, de acordo com Hanns (1999) os significados com que a palavra pulsão (*Trieb*) é utilizada na língua alemã e na obra de Freud. Como já mencionado anteriormente, podemos compreender que Freud se utiliza de diversos significados da palavra *Trieb* no alemão para formular sua teoria das pulsões. Nesta sua elaboração podemos identificar um “arco” que

parte da natureza, na sua dimensão absoluta e total, passa pelas espécies e chega aos indivíduos das espécies, guardando especificidades, no indivíduo humano.

Hanns (1999, p.32) organiza didaticamente este “arco” classificando-o em quatro níveis. No primeiro, “*Trieb* pode se manifestar genericamente como uma grande *Força que Impele* ou Princípio da Natureza (em Freud, pulsão de vida, de morte, etc)”. Na segunda, este Princípio da Natureza “pode manifestar-se como Força Biológica específica de cada espécie (pulsão de reproduzir-se, de mamar, de gregarismo)”. Na terceira, como manifestação de uma *Força que Impele*, e motiva, na dimensão do indivíduo, brotando como fenômeno somático-energético (processos fisiológicos e processos energético-econômico). E por fim, o quarto nível, “o *Trieb* aparecerá para o indivíduo, isto é, será percebido como fenômeno psíquico (idéia, vontade, dor, medo, sensações, impulso) e irá impeli-lo para certas ações.

Diante deste “quadro” exposto acerca dos significados que a palavra *Trieb* pode ganhar, podemos compreender que, seja traduzindo-a para “pulsão” ou para “instinto”, o que se faz necessário para acompanhar o emprego psicanalítico da palavra em Freud é ter clara a polissemia do termo (Hanns, 1999).

Ao empregar o *Trieb* ao longo de sua obra, Freud está se referindo as várias dimensões de manifestação da pulsão, pois, desde o início, como destaca Hanns (1999), sua intenção era realizar três tarefas: 1) formular um modelo de funcionamento psíquico; 2) estabelecer as bases fisiológicas do psiquismo; e 3) situar os fatores biológicos de nosso comportamento. Assim, observamos que na construção teórica freudiana foram envolvidas todas as possíveis significações que a palavra *Trieb* (pulsão) guarda no alemão.

1.2 O conceito de Pulsão

De acordo com Gomes (2001), é no “Projeto para uma psicologia científica” de 1895 que pela primeira vez Freud faz referência ao termo “pulsão” (*Trieb*). Na tradução do texto em alemão realizada por Gomes, Freud “propõe a idéia de que o sistema psi está exposto a quantidades de excitação provenientes do interior do corpo (os estímulos endógenos) ‘e nisto se encontra a mola pulsional [*Triebfeder*] do mecanismo psíquico’” e ainda diz que “a vontade é ‘o derivado das pulsões [*Trieb*]’” (2001, p.251).

As elaborações de Freud acerca do conceito de pulsão reaparecem nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905, conforme esclarece Gomes (2001). Segundo este autor, neste texto Freud expressa, na mesma linha do “Projeto para uma psicologia científica”, a idéia de que emergem dos órgãos somáticos, zonas erógenas, um tipo específico de excitação, a sexual, a partir da qual se constitui a pulsão. Nas palavras do próprio Freud encontramos a afirmação de que “por ‘pulsão’ podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora” (1996e, p. 159).

Entretanto, a definição de pulsão é sistematicamente apresentada pela primeira vez em “Instinto e suas Vicissitudes” de 1915. Neste texto Freud apresenta, num primeiro momento, a seguinte definição para pulsão (*Trieb*):

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um ‘instinto’ [pulsão] nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (1996f)

Após esta primeira definição, Freud desenvolve a elaboração do conceito de pulsão examinando alguns termos relacionados a ele: sua pressão, sua finalidade, seu objeto e sua fonte.

O primeiro aspecto da pulsão mencionado por Freud é a pressão (em alemão *Drang*), esta compreende o fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que a pulsão representa. A característica de exercer pressão está presente em todas as pulsões, sendo sua própria essência. Toda pulsão é uma parcela de atividade, de forma que ao se falar de pulsões passivas, esta se querendo dizer pulsões com finalidades passivas (1996f, p. 128).

Gomes (2001, p. 251) explica que a exigência de trabalho ocasionada pela pressão é em virtude da estimulação que vem do soma e atinge o aparelho psíquico impondo a este uma exigência de trabalho psíquico, em outras palavras, o autor coloca que o aparelho psíquico “terá de trabalhar psiquicamente para achar os meios de livrar-se dessa pressão e buscar obter, no corpo (fonte), a satisfação”.

Ainda com relação à pressão, Garcia-Roza (2002, p.120-121) aponta que o caráter ativo da pulsão, caracteriza seu fator dinâmico. Este aspecto da pulsão, a pressão, vai possibilitar a Freud uma “elaboração conceitual mais precisa dos pontos de vistas econômico e dinâmico”. O mesmo autor também afirma que a pressão é o aspecto motor que impele o organismo para a ação específica responsável pela eliminação da tensão.

A finalidade ou alvo, ou ainda o objetivo (em alemão *Ziel*), é o segundo aspecto da pulsão tratado por Freud (1996f, p. 128). Ela está direcionado para a satisfação, isto é, o alvo de uma pulsão é a satisfação, “que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte do instinto [pulsão]”. Freud explica que a pulsão, mesmo tendo como sua última finalidade a satisfação, pode realizar diferentes caminhos com finalidades mais próximas ou intermediárias que se combinam umas com as outras, buscando a satisfação. Nestes casos a pulsão é considerada parcial.

De acordo com Garcia-Roza (2002, p. 121) a satisfação é definida como a redução da tensão provocada pela pressão (*Drang*). Do ponto de vista econômico, a satisfação é alcançada pela descarga de energia acumulada, regulada pelo princípio de constância. Além deste objetivo último, segundo este mesmo autor, podemos identificar objetivos específicos, vinculados às pulsões específicas, e objetivos intermediários, como já vimos em Freud anteriormente. Com a descoberta da sexualidade infantil, e com ela as pulsões parciais, compreende-se que a especificidade do objetivo depende tanto da fonte quanto do objeto.

Outro ponto importante colocado por Garcia-Roza (2002) acerca da finalidade ou objetivo da pulsão é que esta noção não é tratada de única maneira pelos teóricos da psicanálise. Há aqueles que aproximam a concepção de objetivo à concepção de fonte e outros que a aproximam da concepção de objeto. Com os primeiros, a noção de objetivo fica restrita a uma “ação específica”, e com os segundos se corre o risco de transformar a teoria psicanalítica numa teoria do objeto. Para este autor este dilema pode ser solucionado pela distinção feita por Freud entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação, para esta última o objetivo seria uma “ação específica”, para a primeira o objetivo seria menos específico, por ser sustentado e orientado por fantasias.

O terceiro aspecto mencionado por Freud (1996f, p.128) é o “objeto” de uma pulsão, sendo por meio deste que a pulsão é capaz de atingir seu alvo ou finalidade. Uma característica marcante da pulsão é variabilidade de objetos por meio dos quais ela pode

alcançar a satisfação, sem estar, originalmente, ligado ao objeto, apenas sendo necessário que este torne possível à satisfação.

Gomes (2001), ao explicar este aspecto da pulsão, destaca que o “objeto” é contingente, mas esta contingência não significa indeterminação, pois o objeto será determinado pela sua aptidão, real ou fantasiosa, de maneira a tornar possível a satisfação.

Nas explicações de Garcia-Roza (2002), encontramos a afirmação de que, inicialmente, Freud havia colocado o objeto como sendo uma pessoa, no sentido clássico do termo objeto, algo que apresenta uma objetividade (por oposição à subjetividade), uma coisa individualizada e completa. Posteriormente, vai aplicar esta noção de forma a considerar como objeto a própria pessoa, da qual parte a pulsão, e as outras pessoas, e não apenas as pessoas inteiras, mas também as partes do corpo de uma pessoa, ainda podendo ser real ou fantasmático, como também afirma Gomes (2001).

Outro sentido estabelecido à noção de objeto, de acordo com Garcia-Roza (2002), é aquele que pode ser assinalado pelo termo “objetal”. Neste sentido, o objeto não seria um objeto parcial, mas preferencialmente uma pessoa amada ou odiada. Esta forma de entender o objeto destaca a relação do objeto com o objetivo, assim como, o modo de relação da pulsão com seu objeto e mais especificamente do indivíduo com o seu mundo. Além disso, este sentido para a concepção de objeto deve ser compreendida nas suas duas formas, conforme as fases pré-genitais da libido e genital. A primeira se caracteriza pelo modelo de relação objetal (auto-erótica, narcísica, objeto parcial, etc). Já na segunda ocorre a escolha de objeto, sendo este um objeto total, uma pessoa, o que permite falar em objeto de amor, e não mais em objeto da pulsão, que é um objeto parcial, no caso da primeira fase do desenvolvimento psicosssexual.

O quarto e último aspecto destacado por Freud (1996f, p. 128) acerca da pulsão é a fonte (em alemão *Quelle*), sendo entendida como “o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto [pulsão]”. Freud ainda afirma que a pesquisa sobre as fontes das pulsões está fora do âmbito da psicologia, e que na vida mental elas são conhecidas apenas por suas finalidades, sendo a partir destas que podemos inferir suas fontes.

Ao examinar o conceito de pulsão em função de sua fonte, Garcia-Roza (2002, p.119) aponta a necessidade de distinguir dois empregos que Freud faz deste termo: “o primeiro deles refere-se às fontes da pulsão sexual”, que foi destaque em “Os três ensaios

sobre a teoria da sexualidade”. O segundo emprego do termo fonte está apresentado em “Instintos e suas Vicissitudes”, traduzido por Garcia-Roza em “Pulsão e seus destinos”, como foi mencionado acima. Com relação a esta última delimitação do conceito de fonte, este mesmo autor diz que por “fonte somática” ou “fonte orgânica” devemos compreender tanto o órgão de onde provém à excitação como o processo físico-químico que constitui essa excitação.

Outro importante aspecto relacionado à noção de fonte, tanto para a compreensão do texto freudiano quanto para o objetivo do presente trabalho, é o conceito de apoio, como assim enaltece Garcia-Roza (2002) e Laplanche (1985 *apud* LIONÇO, 2008). Conforme estes autores, ao empregar o termo “apoio” em um acréscimo que realiza ao texto dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” em 1915, Freud esta sendo bem preciso para tratar do apoio que a pulsão obtém sobre o instinto para poder se constituir, este último entendido como função somática vital (biológica) e herdada filogeneticamente. O aprofundamento desta questão merece uma delimitação que será realizada no último tópico deste capítulo.

1.3 Pulsão: substrato do psiquismo

A proposta deste tópico é apresentar brevemente a relação do conceito de pulsão com a concepção geral de psiquismo adotada por Freud, relação esta de constituição, ou seja, o psiquismo para a psicanálise é formado a partir da pulsão.

Para empreendermos esta sucinta elaboração, retomaremos a noção de pulsão nos escritos de Freud (1996f). Conforme nos esclarece Garcia-Roza (1995, p.97) ao discutir a idéia de fonte da pulsão, Freud afirma que a pulsão deve ser considerada um estímulo para o psíquico e que não podemos equiparar pulsão e estímulo psíquico. Nas próprias palavras de Freud encontramos a seguinte colocação:

“qual a relação do ‘instinto’ [pulsão] com o ‘estímulo’? Nada existe que nos impeça de subordinar o conceito de ‘instinto’ [pulsão] ao de estímulo e de afirmar que um instinto [pulsão] é um estímulo aplicado à mente. Mas de imediato ficamos prevenidos contra igualar instinto [pulsão] e estímulo mental”. (1996f, p. 124)

Desta forma, devemos compreender que uma coisa é a pulsão e outra coisa são as formas pelas quais ela pode ser representado na vida mental ou psíquica.

Garcia-Roza (1995) destaca que a necessidade de estabelecer esta distinção fica evidente quando Freud (1996f), em seu artigo “O inconsciente”, expõe que “um instinto [pulsão] nunca pode passar a ser objeto da consciência; somente pode sê-lo a representação que é seu representante (...) e que tampouco no interior do inconsciente pode estar representada a não ser pela representação”. Partindo destas afirmações proferidas por Freud, Garcia-Roza (1995) nos permite compreender que a pulsão em si está para além da distinção entre consciente e inconsciente, e, portanto, para além do espaço da representação, não estando diretamente presente no psiquismo, mas apenas indiretamente, por meio de seus representantes psíquicos: a *Vorstellung* e o *Affekt*.

Ainda sobre o entendimento acerca da relação entre a pulsão e os seus representantes, Garcia-Roza (2002, p.116) chama a atenção ao “inconveniente de confundir a pulsão enquanto representante dos estímulos internos, com os representantes psíquicos da pulsão”. No inconsciente ela é sempre representada por uma idéia (em alemão a palavra usada é *Vorstellung*) ou por um afeto (em alemão *Affekt*). Neste sentido, devemos compreender que uma coisa é a pulsão, outra coisa é o representante psíquico da pulsão (em alemão *Psychischerepresentanz*), e outra coisa ainda é a pulsão enquanto representante de algo físico, que é sua fonte.

Podemos apreender desta discussão que a pulsão sendo o que está entre o que é físico e o que é psíquico, não se reduz a um ou ao outro, e que o psíquico, que por um lado pode ser compreendido como o conjunto das idéias/representações e dos afetos, tem sua constituição alicerçada pela pulsão, o que nos leva a idéia de que a pulsão é o substrato do psiquismo.

Ao tratar desta relação entre pulsão e psique, Hanns (1999, p.79) afirma que ao se dizer “que a pulsão entra e circula na esfera psíquica com a configuração de uma ‘representação’/‘idéia’ (*Vorstellung*), é necessário considerar que Freud se refere a três tipos de ‘representação’ (...): quando as pulsões são representadas, ou recebem forma, ou são expressas (em alemão *dargestellt*), por exemplo, sob forma de imagens e idéias nos sonhos; a pulsão representada (em alemão *repräsentieren* e *repräsentant*) psiquicamente (substituída, simbolizada, tem representantes) por imagens ou palavras; e quando “a pulsão aparece na psique sob a forma de representação *Vorstellung* (idéia, imagem) de sensações” (p. 81).

Na intenção de obtermos uma visão mais ampla de como pulsão, representações e afetos constituem o psiquismo, transcrevemos um trecho do texto de Hanns:

As *Vorstellung* (imagens, idéias, representações) estão associados (verknüpft, interligadas, relacionadas) entre si, formando uma extensa malha (ou tela) de idéias e imagens inter-relacionadas. Esta matriz é o campo psíquico pela qual as pulsões, ou melhor, as manifestações dos estímulos pulsionais se movimentarão. Trata-se de um estoque de imagens ou representações de vivências que formam uma memória. Guardam informações sobre conexões causais, relações lógicas e sobre os afetos produzidos por cada estímulo (prazer ou desprazer) vivenciado. São elas que compõem o mundo interno, são a matriz através da qual o sujeito decodifica os estímulos internos e externos que lhe chegam. É este sistema de *Vorstellung* (que podem se encontrar em estados conscientes ou inconscientes) que compõem o que Freud denomina como aparelho psíquico. (1999, p. 84)

A partir das idéias expostas até este ponto do presente tópico, podemos ter uma visão geral do que se entende por psiquismo em Freud. Todavia, como coloca Celes (2004), devemos destacar que o psíquico é um ‘suposto’, no sentido empregado por Freud para definir o inconsciente, que é para toda a psicanálise o verdadeiro psíquico. Freud (1996f) explica em seu artigo “O inconsciente”, como apresenta Celes (2004, p.42), que o psíquico, enquanto inconsciente, “é suposto para explicar as falhas da consciência ou explicar diversas ordens de fenômenos que aparecem na prática psicanalítica e que não seriam compreensíveis tendo-se por base a consciência”. Este mesmo autor, ainda afirma que de maneira mais geral, o psíquico envolvendo a totalidade das instâncias psíquicas (do inconsciente ao consciente e do id ao ego), é o que constitui a subjetividade no que concerne desde os desejos inconscientes à identificação de si (ego).

Para a conclusão deste tópico é necessário ainda destacar que este psiquismo (constituído pela pulsão) do qual trata a psicanálise, além de fazer referência ao inconsciente freudiano, tem como característica essencial à sexualidade, entendida como psicosssexualidade. De acordo com Chiland (apud MIJOLLA, 2005, p. 1712), “a concepção de Freud da sexualidade caracteriza-se pelo fato de ser uma ‘psicosssexualidade’ e que cumpre atribuir-lhe o significado lato senso da palavra alemã *lieben*: amar”.

Em Roudinesco e Plon (1998, p. 704) podemos encontrar uma explicação resumida para o significado da expressão psicosssexualidade a partir da idéia de que a noção de sexualidade deve ser estendida a uma disposição psíquica universal, que não se reduz a

uma fundamentação biológica, anatômico e genital, caracterizando a essência da atividade humana.

Deste modo, podemos compreender que há uma relação indissociável entre estes últimos conceitos (psiquismo, inconsciente, subjetividade e psicosexualidade) na psicanálise, de modo que todos eles fundamentam as explicações psicanalíticas acerca da condição humana.

1.4 As especificidades dos conceitos de pulsão e instinto

Para compreendermos a função do investimento libidinal do outro na constituição da pulsão e do psiquismo no ser humano, objetivo do presente ensaio, se faz necessário adentrar-mos a discussão acerca da relação entre os termos “pulsão” e “instinto”, a partir das elaborações de Garcia-Roza (1995; 2002), Laplanche (1985; 1992; 2001) e Lionço (2008).

Conforme as interpretações propostas por Garcia-Roza (2002, p. 99) para os textos freudianos, desde os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, mais especificamente ao discutir sobre o auto-erotismo, Freud aponta para diferenciação da pulsão sexual do instinto, a partir do caráter contingente do objeto da primeira, enquanto que para o segundo haveria um caminho pré-formado em direção a um objeto determinado. O autor ainda coloca que num momento anterior à fase auto-erótica, “na qual a pulsão perde seu objeto, há uma fase na qual a pulsão se satisfaz por ‘apoio’ na pulsão de autoconservação e essa satisfação se dá graças a um objeto: o seio materno”.

Neste ponto se destaca a importante questão do “apoio” (em alemão *Anlehnung*) da pulsão sexual na pulsão de autoconservação. No próprio texto de freudiano encontramos a seguinte colocação:

“No chuchar ou sugar com deleite [da criança] já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numas das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo auto-erótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena (...)” (1996e, p.172)

O termo “apoio” presente no trecho acima transcrito, designa a relação que as pulsões sexuais mantêm originalmente com as funções somáticas vitais que lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto, sendo uma peça fundamental na elaboração

na teoria da sexualidade, conforme explica Garcia-Roza (2002, p. 99). Para este autor, o apoio do qual trata Freud é o apoio da pulsão sexual em outro processo não-sexual, relacionado às funções somáticas vitais, que, possuindo uma fonte, uma direção e um objeto específico, deve ser compreendida como o próprio instinto.

A amamentação do lactante é o modelo dessa função somática vital mencionada por Freud (1996e). Garcia-Roza (2002, p.100) explica que no primeiro momento, o leite, e não o seio da mãe, é o “objeto específico”, pois é a sua ingestão que satisfaz o estado de necessidade orgânica caracterizada pela fome. Ao mesmo tempo em que este processo se dá, paralelamente, ocorre também um processo de natureza sexual: “a excitação dos lábios e da língua pelo peito, produzindo uma satisfação que não é redutível à saciedade alimentar apesar de encontrar nela o seu apoio”. Este termo, afirma o mesmo autor, evidencia de maneira precisa a relação primitiva da sexualidade com uma função vinculada à conservação da vida, ao mesmo tempo em que indica a distância entre essa função conservadora e a pulsão sexual. Para esta última o objeto é o seio, para a primeira (o instinto) é o leite.

Neste sentido, podemos compreender que a pulsão sexual é o desvio do instinto. Freud é bastante explícito a esse respeito no texto sobre auto-erotismo nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”:

A primeira e a mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida. (1996e, p. 171)

Garcia-Roza (2002) afirma que a diferença entre o sexual entendido como instinto e o sexual entendido como pulsão é determinada pela dissociação da pulsão sexual com respeito ao instinto.

Como foi destacado anteriormente, ao apresentar o conceito de pulsão e mais especificamente, analisar o aspecto “fonte” da pulsão, Garcia-Roza (2002) acentua a importância de ser considerada a noção de apoio. Neste ponto de seu texto, o autor afirma

em outras palavras o que já havia explicitado antes: o que caracteriza o apoio é o fato das pulsões sexuais estarem ligadas, em sua origem, às pulsões de autoconservação¹.

Ao retornarmos ao texto de Freud transcrito acima, podemos compreender, como assinala Garcia-Roza (2002, p.120), que o que constitui a pulsão é um desvio em relação à função, e que a questão acerca da fonte encontra a sua resposta no apoio que esta tem sobre o instinto. Ainda coloca que a pulsão é a desnaturalização do instinto, “que se desvia de suas fontes e de seus objetos específicos; ela é o apoio marginal desse apoio-desvio. A fonte da pulsão é, pois, o instinto”.

Essa articulação entre a pulsão e o instinto não traz uma concepção reducionista em psicanálise. De fato, a pulsão está apoiada no instinto, mas não se reduz a ele. O apoio se configura como o momento de constituição de uma diferença, sendo ao mesmo tempo uma ruptura, marcando a descontinuidade entre ambos. A interpretação reducionista implicaria a própria negação do conceito de pulsão (GARCIA-ROZA, 2002).

Entretanto, num outro momento da sua produção teórica sobre as discussões da relação entre instinto e pulsão, Garcia-Roza (1995, p.104) problematiza esta questão pontuando alguns aspectos importantes para sua compreensão. Este autor afirma que Freud em nenhum momento de suas elaborações utiliza a palavra “instinto” para se referir às pulsões, mas as constantes aproximações entre elas e as funções orgânicas a serviço da conservação do indivíduo fizeram com que durante muito tempo “pulsão e “instinto” fossem considerados quase sinônimos.

A confusão presente nas discussões acerca do conceito de pulsão derivou da hipótese formulada por Freud referente à noção de apoio das pulsões sexuais sobre as funções corporais, que aproximou ou mesmo identificou a pulsão com o instinto. Estando presente em dois momentos de sua obra, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) e “Instinto e suas vicissitudes” (1914/1915), Freud (1996e; 1996f), conforme Garcia-Roza (1995), apresenta a noção de apoio diferenciando-as. No primeiro momento destaca que as pulsões sexuais apóiam-se nas “funções somáticas vitais” (1996e, p.172). No segundo momento coloca que as pulsões sexuais, “logo que surgem, estão ligadas aos

¹ Por pulsões de autoconservação se designa “o conjunto das necessidades ligadas às funções corporais essenciais à conservação da vida do indivíduo; a fome constitui o seu protótipo” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001). Já as pulsões sexuais servem à psicosexualidade, tendo como sua meta a satisfação (FREUD, 1996f, 1996g).

instintos [pulsões] de autopreservação dos quais só gradativamente se separam” (1996f, p.131).

Ao analisar estas duas definições de Freud, Garcia-Roza (1995, p.105) expõe que se identificarmos as pulsões de autoconservação ou autopreservação com as funções biológicas conservadoras da vida, a diferença das duas formulações apresentadas acima não é significativa. Contudo, logo em seguida levanta a seguinte questão: “mas se fizéssemos esta identificação, que sentido teria chamarmos as pulsões de autoconservação de ‘pulsões’?”

A partir da colocação desta pergunta, o mesmo autor desenvolve uma argumentação em duas direções que discute a interpretação dos significados de pulsão sexual e pulsão de autoconservação nos textos freudianos, relacionados com a idéia de “apoio”. Na primeira, a argumentação evidencia a importância da idéia de apoio para a compreensão do conceito de pulsão. Em seguida, as argumentações se direcionam para relativizar a necessidade da noção de apoio para o entendimento desta noção. Neste sentido, o autor expõe as posições de Laplanche (1992), que fez do “apoio” uma noção central, mas ele mesmo propôs a ultrapassagem desta mesma noção, de Lacan, que não concedeu nenhum destaque a esta noção, e por fim apresenta a evolução da concepção de instinto ao longo do último século, destacando as discussões da etologia (disciplina da Biologia que estuda o comportamento animal) acerca deste tema, mostrando as posições diversas e contrárias e a complexidade da concepção de instinto, que, conseqüentemente, aponta para a precariedade da hipótese do “apoio” e de seu poder explicativo para a teoria psicanalítica (GARCIA-ROZA, 1995).

Gomes (2001) é outro autor que defende a posição de que a idéia de instinto enquanto apoio à pulsão não se faz necessária para a compreensão do conceito de pulsão. Em suas próprias palavras encontramos a seguinte afirmação: “observe-se que Freud nunca falou de apoio de uma pulsão (‘Trieb’) sobre um instinto (‘Instinkt’). O que ele fala é de apoio de uma pulsão sexual (‘Sexualtrieb’) sobre uma pulsão de autoconservação (‘Selbsterhaltungstrieb’)” (p. 252). Em outra parte do seu texto ainda afirma: “Ao contrário do que alguns pensam, as forças que visam à autoconservação (ou autopreservação) são, para Freud, como já vimos, pulsões (‘Triebe’). E isto ao longo de toda a sua obra. Freud fala em *pulsões* de autoconservação, nunca em *instintos* de autoconservação” (p. 252).

Até este ponto, pudemos expor três concepções acerca da relação instinto e pulsão. A primeira sustenta a diferenciação entre instinto e pulsão, originada da noção de apoio,

como explicitou Garcia-Roza (2002). A segunda, também mencionada por Garcia-Roza (1995), mas num segundo momento das suas construções teóricas, que aponta a fragilidade da noção de apoio, em virtude da complexidade da noção de instinto, a qual pode indicar uma impossibilidade de diferenciação entre instinto e pulsão. E a terceira, delimitada por Gomes (2001), que desconsidera esta diferenciação e ainda afirma que é um equívoco considerá-la como uma idéia apresentada e defendida por Freud.

Destas três concepções, o presente trabalho adotará a primeira como fundamentação para sua argumentação, encontrando também em Lionço (2008) e Laplanche (1985; 1992; 2001) sustentação para esta posição teórica, a qual apresenta subsídios para a compreensão da função do investimento libidinal do outro na constituição da pulsão e da psique, investimento este que é fator determinante na passagem do instinto para a pulsão.

Passando às contribuições do texto de Lionço (2008), encontramos a afirmação de que Freud, ao se referir aos processos de constituição psicosssexuais, se utilizava da concepção de pulsão e não da noção de instinto, pois a primeira atribui um caráter muito específico que a sexualidade humana pode assumir. Desta colocação podemos entender que é a pulsão que constitui os processos psicosssexuais, que já são da ordem do psíquico, e não o instinto.

A mesma autora afirma que Laplanche (1992) destacou o termo freudiano *Hiflosigkeit* (em português traduzido como ‘noção de desamparo’), para evidenciar “a ausência, no humano, da garantia de solução para as necessidades que o instinto supostamente proviria ao organismo animal” (LIONÇO, 2008, p.123). Na continuidade desta afirmação, a autora coloca que a condição de um bebê entregue a si mesmo se caracteriza pela incapacidade de ajudar-se por conta própria, necessitando obter a ajuda de um outro que deve ser compreendido como parâmetro a partir do qual a constituição psicosssexual se desenvolverá. Este bebê necessita do outro tanto para lidar com suas necessidades fisiológicas quanto com as situações de perigo. Deste modo, “podemos afirmar que a autoconservação, no humano, não seria um dado estabelecido e inequívoco, precisando de certas condições para se operacionalizar enquanto princípio de funcionamento no indivíduo” (LIONÇO, 2008, p.123).

Desta colocação podemos inferir que, sendo a pulsão o substrato da constituição psicosssexual, a sua própria constituição deve ter também como parâmetro o outro. E como

poderemos compreender ao longo deste tópico e deste trabalho como um todo, por sua condição de falta ou desamparo de mecanismos instintuais, que hipoteticamente poderiam garantir ao ser humano uma capacidade de adaptação mais autônoma, a função do outro possibilita a este mesmo ser humano a realização das necessidades vitais e a constituição da pulsão e da psique, as quais são os fundamentos do que é propriamente humano.

Adentrando mais especificamente a discussão sobre a relação entre pulsão e instinto, Lionço (2008) se apóia em Laplanche (1985) para evidenciar os aspectos desta questão que permitem destacar ainda mais o lugar do outro na constituição da pulsão e da psique.

Na perspectiva traçada por Laplanche (1985 apud LIONÇO, 2008), podemos considerar o par instinto-pulsão em três níveis de articulação: a analogia, a diferenciação e a derivação. Esta articulação evidencia uma complexidade em virtude da proximidade semântica destas palavras. Podemos encontrar no significado de *Trieb* (pulsão), derivada de *triben*, e de *Instinkt* (instinto), derivado do latim *instinguere*, o significado de ‘empurrar’.

Desta análise etimológica das palavras *Trieb* e *Instinkt* no alemão, como também foi realizada anteriormente neste trabalho, Lionço (2008) enfatiza que ao mesmo tempo em que os dois termos se aproximam em seus significados, é necessário reconhecer uma forte distinção entre ambos, como assim teria sido a intenção de Freud. Para evidenciar esta condição do par instinto-pulsão, a autora segue as linhas do texto laplanchiano que busca relacionar os dois conceitos a partir dos aspectos constituidores da pulsão, conforme destacado por Freud e aqui já mencionado anteriormente.

Ao tomar a pressão (*Drang*), característica fundamental da pulsão, como objeto da comparação entre pulsão e instinto, Laplanche (1985 apud LIONÇO, 2008), em um primeiro momento, destaca a aproximação de ambos pela exigência de trabalho e por serem uma força impelente que requer e incita à ação. Entretanto, em um segundo momento, aponta que apesar de identificarmos uma analogia nesta aproximação, com relação aos demais parâmetros que caracterizam as pulsões e seus destinos, a analogia não se sustenta.

Com relação ao alvo (*Ziel*), o mesmo autor coloca que mesmo que seja possível estabelecer uma analogia entre pulsão e instinto, a partir da afirmativa de que em ambas se objetiva realizar uma ação apaziguadora do estado de excitabilidade, todavia, a pulsão, diferentemente do instinto, não encontra uma ação específica que venha servir como

direção de resolução à pressão. A pressão que incita ao desencadeamento no instinto tem como característica uma ação específica. Já a pulsão, ainda que incite à ação, não tem suas condições especificadas, sendo marcada por outras variáveis, dentre elas a fonte (*Quelle*) e o objeto (*Objekt*) da satisfação, as quais devem se remeter necessariamente e que aponta alguma destinação (LAPLANCHE, 1985 apud LIONÇO, 2008).

A diferenciação entre pulsão e instinto fica mais evidenciada quando analisamos a idéia de objeto da satisfação para ambas. Com relação ao instinto, existe um objeto que permite a satisfação de uma necessidade. No caso da pulsão há uma sutura entre a ânsia por resolução (a pressão da pulsão) e o objeto que viria proporcionar satisfação. O objeto da pulsão é contingente e não é objetivo, tendo por característica fundamental ser fantasmático (LAPLANCHE, 1985 apud LIONÇO, 2008).

Ainda com relação à questão do objeto na pulsão e no instinto, de acordo com Lionço (2008), é necessário colocar a seguinte pergunta: se não há um objeto ao qual se liga originariamente a pulsão, de que modo a pulsão passa a investir em um objeto? A autora afirma que esta questão nos remete a complexidade da relação (analogia-diferença-derivação) entre pulsão e instinto, já que se pela via do objeto estas se fazem dispares, por esta mesma via elas voltarão a se roçar, apesar de não se coincidir.

Ao tratar da fonte (*Quelle*) da pulsão Laplanche afirmar que “na fonte da pulsão estaria um processo somático desconhecido, um ‘X’ biológico, cuja tradução psíquica seria as relações entre a sexualidade e os processos vitais, ou dito em outros termos, indicar um ponto entre a sexualidade enquanto psicosexualidade, e os processos somáticos” (1985 apud LIONÇO, 2008, p. 127).

Na mesma perspectiva apontada por Garcia-Roza (2002) no primeiro momento das suas elaborações acerca da importância da noção de apoio para a teoria psicanalítica, como vimos anteriormente, Laplanche (1985 apud LIONÇO, 2008) chama atenção para o fato de que a pulsão emerge apoiada nos processos vitais, como destacou Freud nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” ao tratar da gênese da sexualidade humana.

Apesar de Garcia-Roza (1995) acreditar que Laplanche tenha superenfaticado a importância do termo, Lionço (2008) considera que a noção de apoio deve ser considerada frutífera, exatamente, por denotar uma articulação e, ao mesmo tempo, uma disjunção. A mesma autora também aponta que esta noção implica no “reconhecimento de dois planos (o da autoconservação e o da sexualidade) distintos, diferenciados, descolados, articulados

apenas no tocante a uma possível referência de um a outro, sem que os termos da disjunção sejam coincidentes” (p. 128).

O que podemos entender a partir do que evidencia Lionço (2008), por meio da elaboração de Laplanche (1985), é que entre instinto e pulsão há uma relação de articulação-disjunção. Esta relação indica que a condição humana ao mesmo tempo em que está caracterizada por um organismo, que faz parte de uma ordem vital, não conta com a garantia instintiva, o que não permite reduzi-la ao biológico. Entretanto, é desta ordem vital ou natural que emerge o pulsional, que se faz por um desvio, o qual marca a disjunção entre instinto e pulsão. Sendo assim, a psicanálise deve também considerar os processos de autoconservação como seu objeto de investigação, no que tange sua articulação com a sexualidade. Nas palavras da autora encontramos a seguinte afirmação:

Acreditamos que a psicanálise permite supor que a dimensão vital, ou a condição em que um indivíduo é um organismo em sua materialidade somática, e a dimensão psíquica, ou das condições em que um indivíduo é marcado, em sua corporeidade pulsional, pela psicosexualidade, mantém uma relação de articulação-disjunção (LIONÇO, 2008, P.128).

Ao darmos ênfase a diferença entre instinto e pulsão, caberia ser feito um questionamento, como assim fizeram Garcia-Roza (1995) e Laplanche (1985), se seria pertinente utilizar o termo ‘pulsão’ para designar as necessidades ligadas as funções vitais, como fez Freud (1996f) ao utilizar a expressão pulsões de autoconservação ou autopreservação.

A justificativa para a utilização do termo “pulsão” para os processos de autoconservação está no entendimento de que a dimensão da autoconservação, na condição humana, não é autoengendrável, ou seja, não comporta nele mesmo os caminhos de resolução da necessidade. A autoconservação não é regida instintivamente. Precisamos da presença e participação do outro para propiciar a funcionalidade dos processos vitais, pois somos desamparados e desadaptados até mesmo quanto à autoconservação. Os processos vitais no ser humano não se caracterizam em comportamentos estereotipados ou fixos que possibilitariam satisfazer as necessidades de ordem vital (LAPLANCHE, 1985 apud LIONÇO, 2008).

Para aproximarmos esta discussão da questão principal do presente trabalho, a saber, evidenciar a função do investimento libidinal do outro na constituição da pulsão e da

psique, apresentamos as idéias de Laplanche (2001) desenvolvidas no artigo “Pulsão e instinto”. Neste trabalho, o autor conclui fazendo três importantes afirmações para problemática em questão:

1. No homem, existe o instinto de autoconservação, desde que se entenda que 1º) em grande parte é ternura ou apego, ou seja, mediatizado pela comunicação recíproca, que 2º) ele é de início recoberto, depois escondido pelos fenômenos propriamente humanos e sexuais da sedução, por um lado, e da reciprocidade narcísica por outro. 2. No homem, existe a pulsão sexual, que ocupa o lugar principal, decisivo, do nascimento à puberdade. É ela que constitui o objeto da psicanálise, é ela que se oculta no inconsciente. 3. Existe o instinto sexual, pubertário e adulto, mas que ‘encontra o lugar ocupado’ pela pulsão sexual infantil. (LAPLANCHE, 2001, p. 13)

E ainda esclarece que a definição epistemológica de instinto é difícil, já que no real ele não aparece em estado puro, mas em transações incertas com o sexual infantil que reina no inconsciente. Destas afirmações podemos retirar algumas idéias importantes que aprofundam o entendimento de que os processos de autoconservação no ser humano necessitam da incidência do outro para se realizarem e, conseqüentemente, indicam o papel deste outro na constituição da pulsão e da psique.

A primeira afirmação proferida por Laplanche (2001) de que o instinto de autoconservação existe no homem desde que o entenda como ternura ou apego, está relacionada ao fato de que na relação entre bebê e adulto está presente uma necessidade de nutrição e proteção que se dá por meio de uma comunicação recíproca, na qual está presente o inconsciente sexual do adulto. E que no seio desta relação recíproca do apego, surge o sexual (a pulsão sexual), como evidencia a teoria da sedução generalizada, proposta por este mesmo autor. Deste modo, podemos compreender o lugar central que a teoria da sedução ocupa no presente trabalho, já que é ela que expõe os argumentos que fundamentam a afirmação de que o investimento libidinal do outro tem implicações na constituição da pulsão e do psiquismo.

CAPÍTULO II – A CONSTITUIÇÃO DA PULSÃO E DA PSIQUE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA

No presente capítulo desenvolveremos um caminho teórico que permita explicitar a função do outro na constituição da pulsão e da psique. Para tanto, faremos uma imersão nas reflexões de Jean Laplanche de modo a compreendermos a passagem das primeiras reflexões freudianas acerca da sedução para uma segunda proposta que aponta a necessidade de considerarmos a sedução como noção que exige novos fundamentos para a psicanálise, dentre eles, a definição de pulsão e psique, que abarcam o terceiro elemento além do biológico e do psíquico: o outro.

2.1 Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada

O alicerce teórico que possibilita fundamentar o que propõe o presente ensaio (evidenciar a função do outro na constituição da pulsão e da psique) está na teoria da sedução generalizada delineada por Laplanche (1988; 2001; 2003; 2005). Sua elaboração origina-se da teoria da sedução de Freud, denominada por Laplanche de ‘restrita’.

É uma reelaboração que, conforme expõe Laplanche (2001; 2003), possibilita passar a outro nível a teoria da sedução ‘restrita’ de Freud (1996h) de maneira a: superar o viés psicopatológico (numa formula simples Laplanche caracteriza o viés psicopatológico da seguinte forma: ‘a filha neurótica, pai perverso’) que caracterizava o pensamento de Freud até 1897, e no qual fica configurado o recalcamto; fundamentar o aparelho psíquico “a partir da relação inter-humana e não a partir de origens biológicas” (2003, p. 404), relação esta marcada pela sexualidade; explicar a constituição do inconsciente (psiquismo), a partir do mecanismo do recalcamto (originário), compreendendo-o numa perspectiva “normal” (contrapondo ao viés psicopatológico, indicado acima) e irreduzível.

Destas reconfigurações propostas pela teoria da sedução generalizada, cabe aqui destacar, como bem lembra Sigal (2003), que a clara posição de Laplanche em relação ao conteúdo sexual do inconsciente, faz reviver a importância da via da sedução na obra freudiana, apesar de o próprio Freud ter recalcado-a, como nos indica Laplanche (1988; 1992), enfatizando a prioridade do outro (adulto) na fundação de um inconsciente constituído por uma sexualidade não inata, mas mesmo assim ancorada no somático, como

nos indicou a discussão sobre instinto e pulsão e ainda como poderemos compreender no desenvolvimento deste texto.

Para a compreensão desta proposta teórica, que impõe um reelaboração de conceitos freudianos, devemos tratar da noção de “situação originária” ou simplesmente de “originário”. Mas antes de explorarmos o texto laplanchiano, nos ateremos a algumas importantes colocações proferidas por Sigal (2003) que esclarecem o sentido do termo “originário” para Laplanche.

A primeira afirma que a “situação originária” faz referência “a relação na qual a criança recebe do adulto mensagens carregadas de conteúdo sexual inconsciente” (2003, p. 3). A segunda esclarece que o originário é um conceito que nos remete a aquilo que está nas origens, entendendo-a como fundamento, como alicerce e não necessariamente como aquilo que é primeiro. A terceira nos permite compreender que é necessário revisar a noção de primário e de secundário relacionados a vários conceitos freudianos e entrecruzados com a idéia de originário, de maneira a não mais situá-los hierarquicamente e num contínuo unidirecional.

Ainda com relação à terceira colocação exposta por Sigal (2003), devemos destacar que, partindo desta revisão proposta por Laplanche, é necessário dissociar a idéia do fundante da idéia do que vem primeiro, pensando no modelo de uma espiral e não no sentido de um contínuo unidirecional. O tempo da psicanálise é o tempo do *après-coup*², da resignificação, é o tempo de um segundo tempo que dá significado e sentido ao primeiro. Neste sentido, o originário para Laplanche é algo que transcende o tempo, mas que repousa e se funda nele.

Apresentado estes esclarecimentos passamos ao texto laplanchiano. Para Laplanche (1992) a “situação originária” é o confronto do recém-nascido (criança que ainda não fala) com o mundo do adulto. Tomando a criança como protagonista desta situação, se faz necessário destacar a sua condição de estar aberto ao mundo e ser profundamente desadaptada, tanto no nível autoconservativo (o problema da sobrevivência que nos remete

² O tradutor do livro “Teoria da sedução generalizada” de Laplanche (1988), apresenta uma nota de rodapé para explicar o significado desta expressão: “expressão idiomática utilizada correntemente em francês na literatura, e que significa ‘num segundo tempo’, ‘a posteriori’, depois do ocorrido’ (...)”. No “Vocabulário da Psicanálise” de Laplanche e Pontalis (2001, p. 33), encontramos o termo “a posteriori” que apresenta a seguinte explicação: “termo freqüentemente utilizado por Freud com relação à sua concepção da temporalidade e da causalidade psíquicas. Há experiências, impressões, traços mnésicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento. Pode então ser-lhes conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica”.

a condição de desamparo³ fundamental) quanto no nível sexual (confronto com uma sexualidade, a do adulto, frente a qual não tem reação adequada).

Ao passarmos ao outro protagonista, o adulto, devemos destacar a dimensão do inconsciente do adulto a partir da sua perspectiva mais “demonstrável” pela psicanálise, como assim destacou Freud (apud LAPLANCHE, 1992). Não se atendo neste momento a toda teorização acerca do inconsciente, são as operações falhas (atos falhos), em específico os lapsos da linguagem e da escrita, como nos aponta Freud em “Introdução à psicanálise” (título traduzido por Laplanche), que indicam que há na própria operação algo a ser comunicado, tendo a falha e o erro um sentido que veicula sempre algo do recalcado, nos seus diferentes níveis de profundidade, o que evidencia um sentido que não estava presente para aquele que estava buscando se comunicar.

Levando em consideração estas características da “situação originária”, no que concerne aos seu dois protagonistas, apresentamos a seguinte definição nas palavras do próprio Laplanche:

O originário é uma criança cujos comportamentos adaptativos, existentes mas imperfeitos, débeis, estão prestes a se deixarem desviar, e um adulto desviante, desviante em relação a qualquer norma concernente à sexualidade (Freud o demonstra amplamente nos *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*), e eu diria desviante em relação a si mesmo, na sua própria clivagem. (1992, p.110)

O mesmo autor ainda coloca que podemos identificar um duplo registro nesta situação/relação originária: “uma relação vital, aberta, recíproca, que podemos perfeitamente dizer interativa, e uma relação onde está implicado o sexual, onde a interação não ocorre mais, pois a balança é desigual”, de forma que podemos dizer que há um sedutor e um seduzido, um desviador e um desviado (LAPLANCHE, 1992, p. 111).

Explicitado os aspectos que configuram a “situação originária”, noção que ocupa o lugar de pano de fundo para a teoria da sedução generalizada, passamos a pontuar de maneira resumida as características principais da descrição das cenas de sedução que abre para a “teoria freudiana da sedução restrita”, como assim a denomina Laplanche (1988; 1992). Ao expor acerca desta teoria, Laplanche destaca sua força e fraqueza, pontuando

³ A idéia de desamparo fundamental está relacionada ao que Freud denomina em alemão de *Hilflosigkeit*: “é o estado de um ser que, se entregue a si mesmo, é incapaz de ajudar-se por conta própria: precisa, portanto, de ajuda externa (...)” (LAPLANCHE, 1992, p. 104)

que ambas residem numa trama cerrada entre a factualidade da sedução e as complexidades da teoria, e ainda os elementos essenciais que a delimitam.

O primeiro elemento essencial anunciado por Laplanche (1988; 1992) em relação às formulações teóricas freudianas acerca da sedução se refere ao caráter de factualidade atribuído às experiências sexuais prematuras, nas quais uma criança mais ou menos pequena é confrontada passivamente com a sexualidade adulta. Esta criança é marcada pela imaturidade, pela incapacidade ou pela insuficiência em relação ao que lhe acontece, situação esta que se caracteriza por uma defasagem que se insere no terreno do trauma. Além disso, esta situação evidenciada por Freud (1996h), como indica Laplanche (1992), traz a tona seu despreparo (sinônimo de *Hilflosigkeit* no alemão). Para este último autor, esta sedução será denominada de infantil.

Passando ao segundo elemento essencial, encontramos o adulto como o parceiro necessário para se configurar a sedução. Este é o adulto perverso, entendido no sentido próprio, no duplo sentido estabelecido pelos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, ou seja, desviante quanto ao objeto, pois é ele pedófilo e incestuoso, e desviante quanto aos objetivos, pois sua satisfação das necessidades sexuais é realizada com crianças. O adulto aqui tratado é o pai, que ganhará *status* de o ‘pai da histérica’. E não é por acaso que as cenas incriminadas são explicitamente descritas por Freud (1996h) como patológicas, compreensão esta que irá comprometer suas reflexões acerca da sedução, haja vista que uma outra compreensão acerca da perversão só aparecerá nos “Três ensaios”, num momento posterior, o qual não contribuiu para a recolocação do ‘pai da histérica’ numa generalidade do desenvolvimento humano, como veremos na teoria da sedução generalizada (LAPLANCHE, 1992).

O terceiro elemento essencial, o mais essencial enquanto característica da factualidade da sedução para Freud (apud LAPLANCHE, 1992), é a relação de *passividade*⁴ da criança em relação ao adulto. É este último que toma a iniciativa nas cenas, insinuando-se por meio de palavras ou gestos, que são caracterizados como agressão, irrupção, intrusão, violência. A discussão sobre a passividade em Freud nos remete a questão da sua presença tanto na histeria quanto na obsessão. Para Laplanche (1988; 1992) a passividade ganha destaque, mas a partir de uma releitura como veremos mais a frente.

⁴ Grifo do autor.

Após a descrição dos elementos que caracterizam as cenas de sedução infantil presentes nas elaborações freudianas, as quais possibilitaram a Laplanche (1988; 1992) chamá-las de “teoria da sedução restrita”, este mesmo autor afirma que esta teoria vai se desenvolver em três registros: temporal, tópico e ‘tradutivo’.

O aspecto temporal está relacionado ao que ficou conhecido como teoria do *a posteriori* (em francês *après-coup*), já mencionada acima. Compreendendo que o trauma se dá em dois tempos, esta teoria afirma que a inscrição no inconsciente se dá em dois acontecimentos separados no tempo: o primeiro, no qual o sujeito, a criança, é confrontado com uma ação sexual altamente significativa que não pode ser assimilada por ela, e que é deixada em suspenso como uma lembrança não patogênica e não traumática; e o segundo, que se torna traumático exatamente pela revivência da lembrança do primeiro, isto é, por ocasião de uma segunda cena que entra em ressonância associativa com a primeira (LAPLANCHE, 1988; 1992).

Deste aspecto temporal se desdobra o aspecto tópico que Laplanche (1988; 1992) afirma podermos identificar sumariamente em Freud: o aparecimento do Ego. Este surge em função da situação na qual se encontra o sujeito: estar entre dois desamparos, o ataque externo proveniente do adulto, da primeira cena sexual, e o ataque que vem de dentro, proveniente da lembrança da primeira cena. Este processo marcado pelo aspecto temporal autotraumático encontra sua saída numa ‘defesa patológica’, denominada por Freud (*apud* LAPLANCHE, 1992) de recalçamento. Entretanto, este aspecto tópico só poderia ser fundamentado a partir da teoria do ego, que ainda não está delineada em Freud em “A etiologia da histeria” de 1896.

O terceiro aspecto mencionado por Laplanche (1988; 1992) é o plano languageiro e tradutivo que deve ser cuidadosamente distinguido do lingüístico. Este aspecto faz referência a um momento do pensamento freudiano que não foi publicado e que se encontra na carta de número 52 enviada a Fliess em 1896. Desta carta Laplanche destaca o que permanece apenas esboçado, a natureza de uma primeira inscrição de um ‘signo’ ou ‘índice de percepção’ no pequeno ser humano, que o permitirá fundamentar um dos pilares da sua teoria da sedução generalizada, a noção de significantes enigmáticos.

Antes de passarmos à fundamentação desenvolvida por Laplanche (1988; 1992) em defesa da teoria da sedução generalizada, é necessário apresentarmos o conceito de

“sedução precoce” que permite a este autor construir a passagem entre a sedução infantil, já mencionada acima, e a sedução originária, um dos conceitos centrais da referida teoria.

Voltando-se a linha da ‘factualidade’ presente na teoria da sedução restrita, Laplanche (1988; 1992) afirma que é no próprio Freud que podemos encontrar uma análise dos fatos que leva a uma progressão que indica o caminho de fundamentação da teoria da sedução generalizada e da noção de “sedução precoce”. “O pai perverso, principal personagem da sedução infantil, cede lugar à mãe, essencialmente na relação pré-edípica. Aqui a sedução é veiculada pelos cuidados corporais dispensados ao filho” (1992, p. 128). Esta afirmação de Laplanche encontra respaldo nas próprias elaborações freudianas que, para este autor, não foi completamente abandonada, como podemos observar numa passagem do texto de Freud “aqui, a fantasia toca o solo da realidade efetiva, pois foi efetivamente a mãe que, no desempenho dos cuidados corporais, necessariamente provocou e talvez mesmo despertou pela primeira vez sensações de prazer no órgão genital” (*apud* LAPLANCHE, 1992, p. 128).

O que é descrito por Freud deve ser considerado como fato da realidade, o que permite considerar a sedução como categoria de realidade, mais no seu sentido de efetividade do que factualidade, o que nos leva para além da contingência e da peripécia. As sensações na criança tiveram que ser despertadas pela mãe, pois está inscrito na própria situação e não depende de qualquer contingência. Entretanto, Freud acaba não atribuindo o valor necessário a este segundo nível da sedução, o que o impossibilitou de elevar ao nível de universalidade esta categoria que é um dado humano fundamental, entendendo-a numa perspectiva geral da sexualidade. E ainda, não leva em consideração a presença do inconsciente da mãe, nesta sua descrição (LAPLANCHE, 1988; 1992).

Do ponto de vista teórico, Freud deixa de situar a “sedução precoce” no conjunto teórico que evidenciaria todo seu valor, o que Laplanche propõe em sua teoria da sedução generalizada, a qual só pode ser desenvolvida a partir desta noção, situada precisamente e efetivamente nessa mesma teoria. Sua proposta exige rediscutir a teoria da pulsão e a concepção de psiquismo, o que faremos no próximo tópico, de forma a ultrapassar a perspectiva biologizante que marca as elaborações de Freud acerca destas noções, como apresentamos no capítulo anterior.

Antes de apresentarmos a elaboração teórica de Laplanche para fundamentar a sedução generalizada, caba ainda ressaltar um ponto importante. Enquanto que para Freud

é a fantasia que vai explicar a cena originária, o que o leva a se distanciar da factualidade da sedução, para Laplanche (1992) a teoria da sedução generalizada possibilita não recair na pesada oposição entre o real e a fantasia, mas sim ultrapassá-la.

Iniciando a exposição da argumentação teórica que fundamenta a teoria em questão, cabe destacar a colocação do autor que a propõe, “a generalização que propomos avança, portanto, e sobretudo sob a forma de novo questionamento teórico” (LAPLANCHE, 1992, p. 130). O primeiro fundamento, de natureza filosófica, recai sobre a reinterrogação do binômio ‘atividade-passividade’.

Antes de explicitar sua posição acerca desta questão, Laplanche afirma que há uma confusão em Freud (1996f; 1996i apud LAPLANCHE, 1992) entre atividade e passividade quando se atribui estas características, respectivamente, ao adulto e a criança. Para confirmar a posição freudiana e superar a confusão, Laplanche (1988; 1992) utiliza-se da reflexão filosófica de Descartes, Leibniz e Spinoza. A partir da exposição dos argumentos destes filósofos fica estabelecido o critério que fundamenta o binômio atividade-passividade: o de um ‘mais’. Na relação adulto-criança, temos o primeiro dotado de ‘mais’ conteúdo psíquico, mais significação e, portanto, mais mensagem, que o coloca no lugar daquele que age sobre a criança.

É a partir do binômio atividade-passividade que se fundamenta a noção de “situação originária”. Buscando defini-la para além de todas suas variações, Laplanche (1988; 1992) encontra em Ferenczi o caminho que permite universalizá-la, superando a tendência ‘familiarista’ do pensamento psicanalista, pois o fato da criança ser criada pelos seus pais é apenas uma contingência. Entretanto, o confronto entre a criança e o mundo do adulto, o que define a “situação originária”, é um dado que podemos elevá-lo à categoria da universalidade, sendo aquilo que nos torna humanos, mesmo quando este ocorre fora de uma família. A “situação originária” nos remete ao problema do acesso do recém-nascido ao mundo do adulto, aspecto da experiência humana que está para além das variações culturais.

O mundo do adulto aqui referido é o das mensagens, que interrogam a criança antes mesmo que ela as compreenda, tendo que dar sentido e resposta a elas. Há na criança uma potencialidade para entrar nas *línguas*⁵ do adulto (língua verbal, dos gestos, das

⁵ Grifo do autor.

convenções, das mímicas e dos afetos) a partir de uma potencialidade natural, instrumental e afetiva, que não exige gramática e dicionário (LAPLANCHE, 1988; 1992).

São fatos históricos como a acolhida dada a Pizarro pelos incas, que permitem a Laplanche (1992, p. 134) afirmar que mesmo com as diferenças das “estruturas mentais, das histórias e até dos referências, a confusão das línguas acaba dando lugar a alguma modalidade ordenada de correspondência e de aquisição”. Relacionando este fato a situação da criança, podemos compreender que “esta se introduz sem professor na linguagem que preexiste a ela: ela habita a linguagem”.

A partir deste ponto Laplanche (1988; 1992) avança para além do que Ferenczi indicou: é necessário compreender que a linguagem do adulto, denominada pelo último autor de ‘linguagem da paixão’, só é traumatizante porque veicula um sentido dele mesmo desconhecido, ou seja, em que manifesta a presença do inconsciente dos pais. Fazendo um contra ponto a Lacan, Laplanche (1988; 1992) coloca que esta manifestação do inconsciente não pode ser reduzida a simples potencialidades polissêmicas de uma linguagem em geral, pois o problema continua sendo o do inconsciente individual.

Oportunizando uma síntese que articula estes principais elementos expostos até aqui, Laplanche nos diz que: “o confronto adulto-criança envolve uma relação essencial de atividade-passividade, ligada ao fato inelutável de que o psiquismo dos pais é mais ‘rico’ que o da criança” (1992, p.134), uma riqueza que também é sua enfermidade, sua clivagem em relação ao inconsciente.

Conforme esclarece Machado (2009), o “rico” a que se refere Laplanche traduz a situação onde o par adulto-criança é marcado pela assimetria, que se dá entre a linguagem sexual do adulto já estruturada e a imaturidade sexual, somática e psíquica da criança.

Apresentados os elementos que fundamentam a “situação originária”, podemos chegar à segunda passagem que nos leva da noção de “sedução precoce” à noção central da teoria aqui exposta, a noção de “sedução originária”. Nas palavras do próprio autor, a “sedução originária” se refere a “essa situação fundamental em que o adulto propõe à criança significantes não verbais assim como verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes” (LAPLANCHE, 1992, p. 134).

Dentre estes “significantes enigmáticos”, merece destaque aquele denominado por Freud de ‘cena originária’, o qual faz referência à observação do coito dos pais pela criança. Ao analisar as reflexões freudianas que explicam a transformação da excitação

sexual em angústia, por não ser ela dominada pela compreensão da criança diante do fato observado, o que a conduz a uma recusa (recalcamento) por estar seus pais implicados na cena, Laplanche (1992) afirma que nestas explicações podemos identificar uma idéia prefigurada da “sedução originária” na medida em que o algo que poderia ser dominado pela criança, por meio de um trabalho de compreensão, permanece num estado selvagem que é traumatizante e recalcado.

O mesmo autor ainda afirma que a cena ‘originária’ é, ela mesma, sedução para a criança, no sentido da sedução originária, pois a observação do coito dos pais inscreve na criança imagens, fragmentos de roteiros traumatizantes, que não podem ser assimilados porque são parcialmente obscuros para os próprios protagonistas da cena, os adultos. Para ilustrar este aspecto da cena que caracteriza a “sedução originária”, Laplanche (1988; 1992) cita a concepção de ‘pais combinados’ de Melanie Klein que permite compreender a incapacidade da criança de simbolizar. Para esta concepção os pais estão unidos num coito eterno que reúne o gozo e a morte, excluindo o bebê de qualquer capacidade de participar e, conseqüentemente, de simbolizar.

Laplanche (1988; 1992) também coloca neste mesmo registro os dois grandes enigmas (o nascimento de um outro filho e a diferença dos gêneros) apontados por Freud ao se referir a atividade “teorizante” da criança (‘teorias sexuais infantis’), explicitando que é a incapacidade dos adultos de explicar para si mesmos estes enigmas que se produz o efeito traumático.

Podemos compreender, como nos esclarece Laplanche (1988; 1992), que a sedução originária inclui situações, comunicações, que em nada dependem do ‘ataque sexual’. O enigma, dos significantes enigmáticos e cujo o móvel é inconsciente, é *sedução por si mesma*⁶.

Aqui podemos apontar a relação dos três níveis da sedução: sedução infantil (pedófila), sedução precoce pela mãe e sedução originária. Esta última não abole a importância dos dois outros níveis, mas sim é o seu fundamento. Também não deve ser considerada no modelo do *a posteriori*, como se fosse um primeiro tempo a partir do qual seguiria as outras duas formas de sedução, sendo ela um segundo tempo. Ela é o essencial das duas outras porque é ela que introduz a dissimetria ‘atividade-passividade’. Por esta razão, como explica Laplanche (1992, p. 137), “os cuidados ‘maternos’ ou o ataque

⁶ Grifo do autor.

‘paterno’ só são sedutores porque não são transparentes, mas opacos, veiculando o enigmático”.

Com as idéias desenvolvidas até este ponto do presente tópico, é possível voltarmos à questão central que conduz este ensaio. A concepção de sedução originária nos permite entender que a pulsão e a psique (o inconsciente) de um sujeito humano, são constituídas a partir da inscrição do enigmático do outro (do adulto) neste mesmo sujeito.

A inscrição dos significantes enigmáticos⁷ se dá por uma situação que é inescapável e universal: a situação originária. Nesta situação originária, o bebê humano está completamente aberto para o mundo, pois seus recursos de adaptação não são suficientes, o que impõe a necessidade do outro para sua sobrevivência. Neste sentido, é a articulação destas duas noções que possibilita entendermos o lugar e a função derradeira que o outro desempenha na constituição do psiquismo humano.

Entretanto, é necessário explicitarmos, de maneira mais específica, como a pulsão se origina e deve ser definida nesta outra perspectiva que se diferencia da visão freudiana. Para isto passamos ao segundo e último tópico deste capítulo.

2.2. A origem da pulsão no objeto-fonte: a concepção de pulsão fundamentada na teoria da sedução generalizada

Para compreendermos a função que o outro desempenha na constituição da pulsão, faremos um percurso teórico no texto laplanchiano que propõe uma rediscussão do conceito de pulsão à luz da teoria da sedução generalizada, exposta no tópico anterior.

Antes de desenvolver a análise do conceito de pulsão, Laplanche destaca, após uma discussão crítica, quatro requisitos que caracterizam a experiência analítica e que são necessários para pensarmos a noção de pulsão, concluindo esta discussão com os seguintes resultados:

um determinismo causalista, que nos torna estranhos a nós mesmos e nos aliena num Id; uma determinação por representações inconscientes; representações formando flocos em complexos ligados ao corpo ou a uma de suas partes ou funções. O fenômeno do deslocamento que não poderia ser negligenciado nem levado ao absoluto. (1988, p.76)

⁷ “Todo significante é enigmático? Certamente sim. (...) Mas o que chamo de enigma vai muito além da potencialidade polissêmica, até mesmo poética de toda palavra: é o fato de que os significantes adultos (parentais), no curso dos recalcamientos-traduições sucessivos, abandonaram seus significados bem precisos mas ‘perdidos para sempre’” (LAPLANCHE, 1988, p. 125)

Ao tomar a teoria da pulsão de Freud como objeto de análise, Laplanche (1988) explica que podemos identificar dois modelos bem diferentes delineados por Freud: o modelo fisicalista e o modelo biologizante. O primeiro reduz todo o fenômeno a energia e mais a representação. O segundo, fundado sobre o princípio de constância, defende a tendência inegável de todo organismo para manter sua diferença de estrutura e de nível energético com seu ambiente. A teoria da pulsão seria uma espécie de síntese ou compromisso entre o fisicalismo e o biologismo.

Após expor esta análise mais geral acerca da teoria da pulsão de Freud, Laplanche (1988) passa a discutir o viés biológico utilizado por Freud como recurso à elaboração de sua teoria, utilizando para isso as quatro conclusões ou resultados que apresentamos acima. Desta discussão realizada destacamos alguns pontos que discorreremos a seguir.

Laplanche (1988) afirma que ao analisar o conceito sintético de pulsão de Freud (um conceito de fronteira entre o psíquico e o somático; o representante psíquico de estimulações que provêm do interior do corpo e atingem o psiquismo), a partir da sua segunda conclusão destaca anteriormente, a qual se refere às representações (lembranças e fantasias), podemos identificar a fragilidade e a arbitrariedade da teoria biológica da pulsão, pois esta não reconhece a eficácia própria das representações, atribuindo a elas apenas o lugar de ancoragem, de investimento, de uma energia indiferente e flutuante. Ainda explicita que “recorrer a uma pulsão biológica para explicar a força do determinismo inconsciente é uma hipótese inverificável, contestável e, de qualquer forma, extra-analítica” (p. 77).

Esta perspectiva, em que o sentido atribuído à pulsão tem forte ênfase biológica, guardando uma característica inata, traz, conseqüentemente, a idéia de que as fantasias são apenas eflorescências, traduções psíquicas de uma evolução endógena, que é maturativa. Esta concepção acerca da pulsão está presente no momento mais biologizante de Freud, que vai de 1897 a 1905. Podemos reconhecer neste momento das produções freudianas um idealismo biológico, onde o vivido é apenas um ponto de apoio e ancoragem. A importância dessa objeção está no questionamento das teorias psicanalíticas que consideram que o organismo biológico ou somato-psíquico interage com um ambiente essencialmente não-psíquico (LAPLANCHE, 1988, p. 77)

Laplanche (1988) propõe considerarmos a teoria da pulsão a partir da teoria da sedução, de maneira a propor um terceiro modelo além do fisicalista e do biologizante. A

indicação a esta sua proposta está no fato de que *Trieb* (pulsão) só foi apresentado por Freud em 1905, mesmo que o termo já tenha sido utilizado no “Projeto para uma psicologia científica” de 1895. Antes deste momento, Freud utiliza a palavra *Impulse* (no alemão) em vários de seus escritos, que é traduzida, na edição atual do ‘Nascimento da psicanálise’ em francês (título usado por Laplanche), por ‘pulsões’.

Este mesmo autor afirma que estes impulsos (*Impulse*) não são forças corporais e nem mesmo *investimento* de fantasias, mas sim “a própria ação das lembranças recalçadas e das fantasias, o que nasce delas, o que decorre delas como de sua fonte” (1988, p. 77-78). Estes escritos de Freud com a utilização deste termo (*Impulse*) situam-se plenamente no que se chama a teoria da sedução, o que permite a Laplanche evidenciar como referencial para o entendimento das origens da pulsão o modelo freudiano da sedução e do recalçamento originário.

A partir deste ponto, Laplanche (1988) apresenta um esquema geral criado para rediscutir a teoria clássica da pulsão. Enquanto que esta última propõe apenas uma precessão, que é a dos estímulos endógenos somáticos, para este autor se faz necessárias duas precessões: “por um lado o pré-requisito de um organismo voltado à homeostase e à autoconservação; por outro lado, a de um mundo cultural adulto, no qual a criança é mergulhada completa e imediatamente” (p. 78)

Ao argumentar acerca da primeira precessão, Laplanche (1988) explicita a necessidade de opor as funções de autoconservação à sexualidade, enquanto funções biológicas e biopsicológicas visando à manutenção do organismo, de sua estrutura e de suas constantes assimiláveis a um nível energético homeostático, o que caracteriza um modelo que faz referência aos sistemas de regulação e feedback, delineados pelos físicos. A autoconservação, necessidade característica dos seres humanos e dos animais, se apresenta em primeiro lugar, o que implica uma abertura perceptiva e motora imediata do organismo ao mundo, ao seu ambiente. Esta posição do organismo no mundo nos leva a compreender que não faz sentido supormos que num primeiro momento haja um fechamento em si mesmo, para depois se abrir para o objeto, mas que desde o início há uma abertura para o objeto, para o mundo, para o outro.

Como já foi mencionada no capítulo anterior, na discussão sobre instinto e pulsão, a autoconservação no ser humano está atrelada a uma condição de insuficiência parcial ou de atraso dos mecanismos adaptativos dos seres humanos, o que estabelece uma dependência

do rebento humano em relação ao adulto (o outro), muito maior do que nas outras espécies. Esta condição da espécie humana vai marcar uma diferença significativa em relação às demais espécies, diferença esta caracteriza pela sexualização precoce do ser humano (LAPLANCHE, 1988).

Com relação a segunda precessão, a que se refere a entrada do organismo nascente no mundo cultural adulto e que já foi discutida no tópico anterior, Laplanche (1988) nos diz que devemos constatar que se trata de um mundo de significado e comunicação que transborda por todos os lados, não podendo ser traduzido pelas capacidades de apreensão e de controle da criança.

As mensagens⁸ propostas afluem por todos os lados, sendo que devemos entendê-las não necessariamente e nem principalmente como verbais, mas sim como não-verbais, pois todo gesto, toda mímica tem função de significante. Estes, considerados por Laplanche como originários e traumáticos, e já apresentados anteriormente, são denominados de “significantes enigmáticos”. O adjetivo “enigmático” se justifica pelo fato de que o mundo adulto é inteiramente infiltrado de significados inconscientes e sexuais, dos quais o próprio adulto não conhece o código. Além disso, a criança não possui as respostas fisiológicas ou emocionais correspondentes às mensagens sexualizadas que lhe são propostas. Em síntese, os meios da criança para constituir um código substitutivo ou provisório são fundamentalmente inadequados.

A partir deste ponto Laplanche (1988) desenvolve uma argumentação que evidencia a determinação dos “significantes enigmáticos” na constituição da pulsão, o que faz ressurgir e destacar a teoria da sedução de Freud. Para isso, entretanto, é necessário diferenciar a sedução como dado e como teoria. Enquanto dado, a sedução remeteu Freud à confusão de considerá-la como contingências das manobras sexuais ditas perversas, por parte dos adultos, ou como generalização da situação de sedução, o que o fez abandonar parcialmente a teoria da sedução em 1897. Ao compreendê-la enquanto teoria, como pudemos fazer no tópico anterior, devemos tomá-la como fenômeno estrutural, no sentido de uma sedução fundamental, originária, a qual podemos encontrar indícios no próprio

⁸ “(...) falando de mensagens adultas, não queremos dizer mensagens inconscientes. Toda mensagem adulta é uma mensagem que se produz no plano consciente-preconsciente. Quando falo de mensagem enigmática, falo de mensagem ‘comprometida’ pelo inconsciente. Caráter, então, comprometido da mensagem, e isto num sentido único do início, mesmo se uma reciprocidade se estabelece rapidamente em seguida, mesmo no plano sexual. Finalmente, o que conta nesta situação é o que faz o receptor, isto é, precisamente a tentativa de tradução e o necessário fracasso desta tentativa”. (LAPLANCHE, 2003)

Freud, quando este aponta para generalidade da sedução presente nos cuidados maternos, e como ficou evidenciada por Laplanche no ultimo tópico.

Retomando o conhecido exemplo do seio utilizado por Freud para tratar da constituição da pulsão, como apresentamos no capítulo anterior, Laplanche (1988) afirma que devemos considerar o seio em suas características erógenas e eróticas, assim como é para a mulher na sua relação com a criança, remetendo esta última às seguintes “questões”: “que quer de mim este seio que me alimenta, mas que também me excita; que me excita se excitando? Que quer ele me dizer, que ele mesmo não sabe?” (p. 79). Neste momento inicial da vida, o seio se apresenta como instrumento que impõe mensagens enigmáticas, carregadas de um prazer de si mesmo ignorado e de impossível circunscrição.

O mérito do exemplo do seio, entendido nesta perspectiva anunciada por Laplanche (1988), está em permitir a compreensão sobre as bases em que se produz a constituição dos primeiros objetos-fontes, objetos interiorizados, ou antes, introjetados. Neste ponto, se faz necessário retomarmos a noção de apoio, ou como prefere Laplanche, a teoria do apoio, discutida no capítulo anterior, para apresentarmos a interpretação laplanchiana.

Para esta perspectiva, contrária a posição que afirma que a sexualidade emerge biologicamente da autoconservação, ainda que por um distanciamento de fim e de objeto, a única verdade da noção de apoio está na “sedução originária”. A explicação desta proposta está na compreensão de que os gestos autoconservativos do adulto, aqueles que oferecem o suporte para a condição de insuficiência parcial ou de atraso dos mecanismos adaptativos dos seres humanos (bebê/criança), são portadores de mensagens sexuais inconscientes para ele e incontrolláveis para a criança, o que produz, nos lugares ditos erógenos, “o movimento de clivagem e de deriva que leva eventualmente à atividade auto-erótica. Mas o veículo obrigatório do auto-erotismo, o que estimula e faz existir, é a intrusão e depois o recalçamento dos significantes enigmático trazidos pelo adulto” (LAPLANCHE, 1988, p. 80).

O recalçamento a que se refere o autor é o recalçamento originário, o qual determina a clivagem do psiquismo, fazendo constituir um inconsciente primordial, que se torna, por isso mesmo, um Id, e que constitui os primeiros objetos-fontes, que são as fontes da pulsão (LAPLANCHE, 1988). O recalçamento originário é antecedido pela intrusão dos significantes enigmáticos do adulto, o que aponta para sua função e implicações na constituição da própria pulsão, como explicita Laplanche e iremos expor mais a frente.

Antes desta colocação do autor, devemos esclarecer que o recalçamento originário deve ser compreendido em dois tempos, conforme a teoria freudiana do *après-coup* (LAPLANCHE, 1988), já explicitada anteriormente. O primeiro tempo faz referência a implantação e a inscrição dos significantes enigmáticos, sem que estejam recalcados; é passivo; se caracteriza por uma espera, por ser externo-interno e sexual/pré-sexual. Já o segundo tempo está relacionado a uma reatualização e uma reativação destes significantes, que passam a ser, a partir deste momento, atacante-internos, e que a criança deve tentar ligar.

Esta tentativa de ligar para simbolizar os significantes perigosos e traumatizantes nos conduz ao que Freud denominou de ‘teorização’ da criança e ao fracasso parcial desta simbolização ou desta teorização, que caracteriza o recalçamento de um resto incontrolável, impossível de circunscrever. Deste recalçamento se constitui o núcleo do inconsciente: representações de coisa, que se tornam representação-coisa, guardando um caráter de isolamento numa instância psíquica quando as denominamos de Id.

Desta forma, tendo como viés a inscrição dos significantes enigmáticos do adulto na criança, ou seja, reconhecendo a função do outro na constituição da pulsão e do psiquismo, Laplanche defini a pulsão como “o impacto sobre o indivíduo e sobre o Ego [instância psíquica] da estimulação constante, exercida do interior, pelas representações-coisa recalçadas, que podemos designar como objetos-fontes da pulsão” (1988, p. 80).

Para melhor elucidar esta proposta de Laplanche, apresentamos as explicações de Ribeiro (2000) acerca do recalçamento originário. Para este autor o primeiro tempo do recalçamento originário é efeito do fator quantitativo das excitações produzidas pela implantação de mensagens sexuais do adulto na criança, decorrente da total abertura dessa ao mundo. O que é recalçado diria respeito a uma primeira delimitação corporal, um corpo precário, submerso em excitações, uma *coisa* destituída de qualidade significativa, cujo estado é definido, segundo o autor, pela sua aproximação a um auto-erotismo sem sujeito e sem objeto. As excitações somáticas implantadas concretamente na periferia do corpo da criança irão transbordar de suas fontes biológicas e irão se tornar propriamente pulsionais através da ação desviante do adulto, pois este, ao tentar traduzi-las, inevitavelmente deixará um resto não traduzido. Este resto não traduzido é o que Laplanche (1988; 1992) designa como objeto-fonte da pulsão.

Nesta perspectiva, a pulsão não é um conceito-limite, nem uma força biológica e muito menos um ser mítico. Com respeito a sua relação com o corpo e as zonas erógenas, não devemos concebê-la a partir do corpo, mas sim como “ação dos objetos-fontes recalçados sobre o corpo; isto através do Ego que é antes Ego-corpo, e no qual, bem naturalmente, as zonas erógenas se tornam os lugares de precipitação e de organização de fantasias” (LAPLANCHE, 1988, p. 80).

Adotando esta concepção de pulsão, se faz necessário rever os elementos constituidores da pulsão apontados por Freud, já destacados no capítulo anterior, à luz da teoria da sedução generalizada proposta por Laplanche (1992). Nesta perspectiva, a fonte da pulsão deve ser compreendida como o resquício inconsciente do recalçamento originário, sendo denominada de objeto-fonte, como foi explicado acima. Todavia, a fonte não é exclusivamente e puramente representativa, pois “está ancorado no somático das zonas erógenas, precisamente em consequência do fenômeno da sedução” (p.151). Em relação a meta (objetivo) da pulsão, esta noção deve ser mantida, entendendo-a “como ação metaforizante dos processos somáticos de troca, portanto ligada à fonte e à ancoragem somática desta” (p.151).

Por fim, em relação à noção de pressão, Laplanche (1992) questiona a necessidade de se manter este conceito quantitativo, indicando que é plausível o postulado que propõe a idéia de uma força relativamente constante relacionada a uma ou outra pulsão parcial. Entretanto, é com relação à natureza da pressão da pulsão que a definição de Laplanche vai se diferenciar da definição de Freud (1996f). Para este último, a sua concepção é fisicalista, sendo que o impulso surge diretamente das fontes somáticas, exigindo trabalho psíquico. Para Laplanche, essa exigência de trabalho não é exercida diretamente, mas “sim a partir de protótipos inconscientes; ou, sendo mais exato, pela diferença entre o que é simbolizável e o que não o é nas mensagens enigmáticas originárias” (p.152), e por isso sendo relativamente constante e não absolutamente constante, como em Freud.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado ao final do presente ensaio, é necessário, num primeiro momento, elucidarmos as considerações que apontam as divergências entre o pensamento freudiano e o pressuposto laplanchiano acerca da constituição da pulsão e da psique.

Como foi exposto no primeiro capítulo, a pulsão e, conseqüentemente, a psique (o inconsciente), na concepção freudiana, tem sua origem no biológico. Desde suas elaborações no “Projeto para uma psicologia científica” de 1895, passando pelos “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade” de 1905, chegando a “Instintos e suas vicissitudes” de 1915, conforme supracitado, Freud vai cunhar uma noção de pulsão que tem nos estímulos endógenos de fontes somáticas sua gênese.

Especificando um pouco mais, como pudemos também destacar no primeiro capítulo, cabe diferenciar que da pulsão, o que está entre o somático e o psíquico, se estrutura a psique, pois nela só encontramos os representantes psíquicos da pulsão, e não a pulsão em si mesma. Como nos afirma Hanns (1999), “a conhecida fórmula freudiana sobre a passagem do somático ao psíquico [a que descrevemos no tópico “o conceito de pulsão”]⁹ se refere à transição Reiz (estímulo) –*Trieb* (pulsão)”.

De acordo com as idéias freudianas acerca dos aspectos que constituem a pulsão (pressão, finalidade, fonte e objeto), podemos identificar uma matriz biológica sustentando a sua fundamentação teórica. Nesta perspectiva, não é destacada, ou até mesmo considerada, a função do outro na constituição da pulsão e da psique. Como podemos compreender ao longo das elaborações teóricas de Laplanche (1985; 1988; 1992; 1997; 2001 2003; 2005), as noções aqui em discussão e, conseqüentemente, a idéia de sexualidade, sofreram um “desvio biologizante” em Freud.

Propondo uma releitura destas noções a partir de idéias do próprio Freud, mas também de outros psicanalistas, do apoio da filosofia e ainda da etologia, como apontamos ao longo dos dois capítulos, Laplanche vai elaborar novos fundamentos para a psicanálise tendo como ponto de partida a teoria da sedução de Freud, a qual denomina de “restrita”, culminando na teoria da sedução generalizada. É esta teoria que permite ao autor ultrapassar o “desvio biologizante” de Freud, restituindo um lugar positivo ao biológico

⁹ Nossos Comentários.

nas concepções de pulsão e psique, e não mais mitológico como precisou fazer Freud ao elaborar a “teoria das fantasias originárias” fundamentada numa filogênese das fantasias.

Ainda sobre essas contribuições de Laplanche, Machado (2009) coloca que a sexualidade nesta perspectiva não começa, como em Freud (1996e), de forma endógena, mas pela intromissão do outro, adulto, na cena da sedução originária. Seguindo esta linha de argumentação, esta mesma autora explica que ao apontar o desvio biologizante de Freud, Laplanche é acusado de desconsiderar o biológico. Todavia ao responder esta acusação, Laplanche (1996 apud MACHADO, 2009) esclarece que sua proposta dá o seu lugar ao biológico, enquanto o que fundamenta e alicerça, mas que o domínio da psicanálise (o das pulsões sexuais) está fora do biológico, pois apesar de fundamentar-se no biológico, ele é relacional, isto é, se constitui na relação com o outro.

Como podemos encontrar em seu artigo “Instinto e pulsão”, Laplanche (2001) se recusa a pensar que a sexualidade se origina do interior, embora não negue a ancoragem da pulsão no corpo. Para ele, a questão não está entre o que é somático e o que não é. A diferença entre instinto e pulsão não é que um se situe do lado do somático e o outro do psíquico. “A pulsão não é mais psíquica que o instinto” (p. 8), mas o instinto seria endógeno, atávico, enquanto a pulsão seria adquirida. Ambos se ancorando no corpo.

Como pudemos compreender nas linhas deste ensaio, são as noções de “situação originária” e “sedução originária” que permitem a Laplanche (1988; 1992) evidenciar a função indispensável do outro na formação da pulsão e da psique. Destas noções, articuladas ainda com a teoria do apoio e a idéia de recalcamiento originário, o autor elabora a idéia de objetos-fontes (representações-coisa recalcadas), sendo estes as fontes da pulsão e, conseqüentemente, do psiquismo. Os objetos-fontes são constituídos pela intrusão dos significantes enigmáticos veiculados pelo adulto, quando este serve de apoio ao bebê com seus gestos autoconservativos carregados de mensagens sexuais inconscientes, estimulando e fazendo existir a atividade auto-erótica, na qual faz incidir o recalcamiento originário, clivando o psiquismo num inconsciente primordial que se torna um Id.

Elucidada a divergência entre as elaborações de Laplanche e a teoria freudiana da pulsão, apontamos ainda, a título de sugestão de outras pesquisas sobre o tema aqui tratado, as repercussões da concepção de pulsão e psique, aqui defendida, no fenômeno da transferência. Conforme explicita Laplanche (1988; 1992), a transferência reproduz e

renova a situação da sedução originária. Sua argumentação para tratar desta questão parte da sua interpretação acerca da formula lacaniana, 'sujeito suposto saber'. Desta fórmula o autor destaca o processo de simbolização que se dá na situação originária, para em seguida considerar que a transferência só poderia ser o prosseguimento ou a retomada deste movimento de simbolização, nos levando a entender que a transferência só poderia ser a reabertura da transferência originária.

À guisa de conclusão, indicamos, ainda na possibilidade de outras pesquisas, o caminho teórico proposto por Celes (2004) que, articulado com as idéias aqui apresentadas, também permite evidenciar a necessidade da presença do outro na constituição do psiquismo, tomando como o mais radicalmente originário o modelo da angustia delineado por Freud.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELES, L. M. **Nascimento psíquico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. O inconsciente. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

_____. Sobre a psicologia da vida cotidiana. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. VI, Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

_____. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996e.

_____. Os instintos e suas vicissitudes. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

_____. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996g.

_____. A etiologia da histeria. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996h.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996i.

GRACIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GRACIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, G. Os dois conceitos freudianos de *Trieb*. In **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 249-255, set-dez, 2001.

HANNS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

MACHADO, T. de C. e S. **Feminilidade das origens: um estudo sobre as raízes primitivas da recusa à feminilidade**. Brasília, DF. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2009.

LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

_____. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Freud e a sexualidade: o desvio biologizante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. Pulsão e Instinto. In **Percurso Revista de Psicanálise**, 27(2), 5-14, 2001.

_____. Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução. In **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.403-418, dez. 2003.

_____. Os Três ensaios e a teoria da sedução. In **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p.297-311, ago. 2005.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIONÇO, T. Corpo somático e psiquismo na psicanálise: uma relação de tensionalidade. In **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 117-136, jan-jun, 2008.

MIJOLLA, Alain. **Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições; M-Z**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2005.

RIBEIRO, P. **O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária**. São Paulo: Escuta, 2000.

ROUDINESCO, E., & PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SIGAL, A. M. O originário: um conceito que ganha visibilidade. **Percurso Revista de Psicanálise**, 30(1), p. 59-66, 2003.

TEIXEIRA, J. de F. **Mente, cérebro e cognição**. Petrópolis: Vozes, 2000.